

esdi
tese

WAGNER

BRAGA

BATISTA

T 90

1974

100
Industrial
Kodak

manifestações gráficas

ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL

1974

"MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS DE CARÁTER NÃO-CONVENCIONAL"

WAGNER BRAGA BATISTA

Agradecimentos a:

Leonardo Carneiro, Mario La-Fayette e Vera Bornstein que colaboraram
na efetivação deste trabalho.

e ao Escritório M. Roberto Arquitetos S.A.

P 90
1974



Nº de registro



ley. 4104/90, art 1

OBJETIVO

O trabalho se propõe a ser uma tentativa de sistematizar, metodologicamente, conceitos e categorias que permitam o estudo interpretativo das implicações sócio-culturais e dos conteúdos de natureza semiológica, inerentes a manifestações gráficas de caráter não convencional. Visando uma maior objetividade no trabalho, delimitou-se um raio de ação, considerando apenas o não convencional. como a ocorrência gráfica anônima e descompromissada, resultante de uma prática reflexiva ou espontânea, seja ela reiterativa ou criadora, (1) que não se alinhe, diretamente, com regras e código de valores, que por força de sanções, do hábito ou de injunções várias, se lhe opõem por natureza e propósito. Daí, sem se deter na análise de manifestações específicas, situá-los globalmente enquanto projetos, que partindo de visões de mundo diversas, podem suscitar apreciações de ordem estética e ideológica.

(1) "... onde quer que o homem esteja presente como sujeito ativo - na ciência, na arte, no trabalho, na técnica, nas relações sociais etc - é perfeitamente legítimo usá-lo e falar, portanto, em criação científica, artística, social, etc. A criação supõe sempre a criação de algo novo (conceitos, obras de arte, objetos úteis, instituições, políticas, relações sociais, etc.). O novo está inscrito como uma possibilidade nos elementos pré existentes, mas seu aparecimento não corresponde a uma determinação inexorável. O virtual só se realiza com a intervenção do homem, e não deriva por uma necessidade lógica do que já existia. Não se cria algo novo senão a partir do que já existe, mas não basta o pré-existente para produzi-lo. Assim entendida, a criação só existe propriamente como atividade específica humana, ou seja, como atividade que produz um objeto que não podia existir por si mesmo, isto é, sem a intervenção da consciência e da prática humana." VÁSQUEZ (Adolfo Sánchez). Filosofia da Praxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968, p. 247

O indivíduo para transformar-se de simples organismo em complexa personalidade social, terá que viver em contato social com outros seres humanos e estabelecer com eles comunicação social pela qual lhes serão transmitidos comportamentos, idéias, experiências, pensamentos e sentimentos.

Estas duas condições básicas vão gerar o processo de interação social que se efetua através de mecanismos psicológicos, em vários níveis, assumindo diferentes formas e dentro de grupos sociais como família, vizinhança, grupo de recreio, religioso, escolar, profissional, etc., e num sentido mais amplo, dentro do grupo Nação e grupo Mundo.

Como decorrência da interação em todos estes grupos, o indivíduo irá gradativamente incorporar as culturas de uma sociedade organizada e estruturada através de comportamentos adotados por eles, desempenhando papéis sociais.

Sujeitas a processos de educação formais e informais, bem como ao controle social, as crianças vão se adequando às normas e valores da sociedade, transformando pela socialização em elementos ativos dentro do quadro que perfaz o conjunto social.

Este processo continua pela vida afora, e em generalidade e complexidade crescente, sempre através do uso de símbolos, unidade básica de todo o comportamento humano, faculdade criadora, livre e ativa, característica exclusiva do homem. Se o indivíduo se coloca à margem da convivência social, não sofrerá o processo de socialização, nem a ação direta dos mecanismos de cultura. Neste caso, sua personalidade será estruturada pela interferência de fatores de outra ordem, não deixando de haver, apesar disso, interdependência entre herança social e biológica, que se completam e formam o ser humanizado.

Na vida social os indivíduos agrupam-se para atender certos interesses e

necessidades formando assim, os grupos sociais. Para que tenhamos um grupo social, na verdadeira acepção da palavra, este deve apresentar um mínimo de unidade e de estabilidade. A unidade é dada ao grupo por uma certa semelhança de conduta de indivíduos que dele fazem parte, embora cada indivíduo mantenha suas características fisiológicas. Quanto à estabilidade, significa que o grupo deve perdurar como tal durante um período mais ou menos longo.

Constituída a partir da idéia de um conjunto muito grande de indivíduos que ocupam um dado espaço geográfico e que estão integrados em numerosos grupos, a noção de sociedade global se apresenta como uma abstração capaz de abarcar todas as unidades da vida social. Unidades ou grupos que se integram para dar a cada sociedade global um aspecto singular, excluindo seus conflitos e contradições.

A noção de estrutura social diz respeito aos modelos teóricos que partem das relações essenciais e padronizadas entre indivíduos do mesmo grupo e entre estratos e subgrupos da mesma sociedade. Como relações essenciais devem ser qualificadas aquelas que implicam deveres e direitos recíprocos, socialmente sancionados. A soma total desses deveres e direitos determina o "status" que um indivíduo tem nos diversos grupos em que é integrado e que os diversos grupos mantêm dentro das sociedades às quais pertencem. O conceito de estrutura social implica na consideração dos fatores ligados à organização social, tais como: dominação, subordinação, estratificação social, poder e camada social.

Toda estrutura social se compõe no mínimo de três partes inseparáveis: uma forma histórica de produção, um sistema de estratificação social e um conjunto de instituições e de valores sociais.

As relações, dos homens com a natureza e com as coisas materiais, vão se cristalizar em costumes, leis, normas, numa norma social que será perpetuada pelas instituições e grupos sociais. Assim, a estrutura social a-

presenta fatores de permanência que garantem sua identidade no tempo e no espaço.

Cada indivíduo terá seu comportamento condicionado e dirigido em função de um ajustamento à estrutura social. Se a estrutura social mudar, o comportamento humano também mudará.

Toda sociedade gera dentro de sua estrutura uma certa ordem social que se exprime em valores sociais que se compõe por meio dos mecanismos de controle social os quais vão determinar e sancionar o comportamento dos indivíduos e dos grupos.

Conclui-se que do tipo determinado e estabelecido de organização social, vão resultar padrões de comportamento que apresentam os membros de um grupo e que fazem parte de seu sistema de valores e as relações que envolvem obrigações de compensações recíprocas, em atenção a padrões socialmente aprovados. Em toda organização social há diferenciação e articulação de funções que tornam interdependentes as partes integrantes da sociedade respectiva.

Disto sucede que toda manifestação ou mudança observada numa sociedade, é decorrente de um processo de interação de seus componentes. Nesse sentido, estratificação, competição, aculturação, conflito e acomodação, por exemplo, são processos sociais. Todo processo social altera, às vezes imperceptivelmente, a estrutura social existente. A interação social, ação recíproca de idéias, sentimentos ou atos entre pessoas ou grupos, é o processo geral, isto é, os outros processos sociais são modos de ser ou especializações; o contato social é o processo social primário, todos os outros processos têm nele sua origem primeira.

A interação implica na modificação do comportamento das pessoas ou grupos. É um processo que abrange um conjunto de manifestações sócio-econômicas, políticas, culturais e psicológicas dos indivíduos em ação social.

O contato social é imprescindível para que haja interação. A interação se dá basicamente, através de:

- mecanismos de sugestão - que provocam interação das idéias;
- mecanismos de imitação - que provocam interação de gestos ou atos;
- simpatia - provocando interação de sentimentos.

Para que haja relação social é necessário que primeiro ocorra o contato social e depois comunicação. Contato social e comunicação são pressupostos fundamentais das relações sociais.

Os fundamentos que orientam a ação social, o modo concreto de vida dos grupos, permitem a observação de certas constantes e similitudes que durante certo período inspiram seus membros. Os papéis sociais, dentro de um sistema de sanções, permitem a formulação de modelos de comportamento que se estruturam num sistema de valores. Valores, que encobrem certos aspectos dinâmicos da realidade social, da qual emergem, se configurando na prática social humana através de seus conteúdos simbólicos. Desta forma, são modelos de comportamento, seus reflexos na mentalidade e nas atitudes das pessoas, em última instância, que estabelecem padrões normativos de ação social dos grupos e indivíduos. Padrões normativos que revestem as relações sociais de produção, cultural e de bens econômicos, deteriorando suas significações relativas, bem como instilando nelas certos juízos de accidentalidade aparente.

Durkheim, se referindo a esses valores, atribui a eles a mesma objetividade que têm as coisas e as relações sociais. Sendo um dos elementos de interação entre membros de um mesmo grupo, pelo modo como induzem, no sentido daquilo que uma coletividade considera ideal para si, se constituem em forças ativas estimulando também modalidades de ação e julgamentos que convocam à adesão em torno de modelos aos quais servem de suportes. Temos assim, diferentes juízos que se estabelecem a partir do modo como

um fato social é encarado. Entre os juízos de realidade e os juízos de valor há diferenças profundas que distinguem as atitudes provocadas por tais julgamentos e porquanto os primeiros orientem uma conduta assentada em noções e critérios extraídos do conhecimento dos fatores que atuam sobre uma dada realidade, os juízos de valor fundamentam-se em preceitos arraigados, que funcionam unilateral e normativamente, favorecendo as tomadas de posição ou procedimentos que primam pelo subjetivismo, anulando toda consideração a qualquer fator de ordem objetiva. Desta forma os valores levam a conjecturas de realidades ideais, nas quais se inspiram os seus juízos e condutas correlatas. Constituídas a partir de modelos tais realidades tornam-se pouco consistentes e irrisórias.

O conceito de cultura tem sofrido uma série de evoluções através da história e cada vez se agrega a ele uma conotação nova, por extensão ou analogia, sem perder seu sentido original, mas revestindo novos sentidos cada vez mais distanciados do primeiro.

Na Idade Média, na língua francesa, o termo cultura era empregado para o culto religioso e o verbo culturar era utilizado para designar o cultivo da terra. Parece que somente no sec. XVII o termo cultura passou a significar o trabalho da terra e que por analogia passou a ser empregado como cultura das letras, cultura das ciências. No sec. XVIII os escrivãos passaram a utilizar cultura para designar a formação do espírito. Nessa época portanto, cultura passou a designar o processo intelectual de uma pessoa ou o trabalho necessário para esse progresso.

Na Alemanha, o conceito de cultura começou a ser utilizado no fim do século XVIII, inspirado na língua francesa, nos estudos que G. Rocher () diz poder-se chamar de "história universal". Essas histórias não se interessavam tanto na história política e militar, mas sim nos costumes, instituições, ideias, artes e ciências. A história, visava sobretudo estudar as características do progresso da humanidade o que era feito através do estudo comparado das sociedades e civilizações. Tratava-se de determinar os momentos da história, marcados por uma extensão de conhecimentos, uma elevação nas artes, um refinamento nos costumes, etc. O termo cultura foi justamente empregado para descrever essa evolução no progresso intelectual e social do homem em geral, das coletividades, da hu-

manidade. Ele continuava a manter uma idéia de movimento para frente, de uma melhoria, de um futuro.

A noção sociológica de cultura tem sua origem, portanto, na história e não na filosofia.

Na Inglaterra, a noção de cultura começou a ser empregada na antropologia com o livro Cultura Primitiva de E. B. Tylor que apareceu em 1871. Tylor se inspirou no trabalho de um autor alemão cujo título era História Universal da Cultura da Humanidade e emprega o termo como sinônimo de civilização. Ele define a cultura ou a civilização (no seu sentido etnográfico) como o conjunto complexo que compreende os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras aptitudes e hábitos que o homem adquire enquanto membro de uma sociedade.

Nesse conceito, a cultura não é mais vista como um progresso, mas sim, como um conjunto de fatos que podem ser diretamente observados num dado momento do tempo. Assim surgiu a noção antropológica da cultura.

Na sociologia e antropologia de língua francesa, esse termo demorou mais a ser incorporado, talvez pelo declínio da sociologia francesa no período entre as 2 guerras. Apenas depois da 2ª Guerra que o termo se tornou popular na França.

Os conceitos de cultura e civilização sempre estiveram muito ligados, daí a tentativa de fazer a distinção entre um e outro. Guy Rocher (), ressaltava 2 distinções que foram utilizadas principalmente na Alemanha.

A primeira, engloba dentro da cultura, o conjunto de meios coletivos dos quais dispõe o homem ou uma sociedade para controlar e manipular o meio físico, o mundo natural. Se trata portanto, principalmente da ciência, da tecnologia e de suas aplicações. A civilização compreende o conjunto de meios coletivos aos quais o homem pode recorrer para exercer um controle sobre ele mesmo, para crescer intelectualmente, moralmente, espiri

tualmente. As artes, a filosofia, a religião, o direito, são portanto, fatos da civilização.

A segunda que é mais ou menos o contrário da primeira parte do ponto de vista de que a noção de civilização se aplica aos meios que servem a fins utilitários e materiais da vida humana coletiva; a civilização tem um caráter racional, que exige o progresso das condições físicas e materiais do trabalho, da produção e da tecnologia. A cultura consiste principalmente nos aspectos mais desinteressados e mais espirituais da vida coletiva, frutos da reflexão e do pensamento "puros", da sensibilidade e do idealismo.

Em geral, sociólogos e antropólogos contemporâneos, não se preocupam mais em prosseguir fazendo essa distinção que lhes parece fictícia, por ser inspirada na falsa oposição entre espírito e matéria, sensibilidade e racionalidade, idéias e coisas. Em geral eles consideram que os 2 termos se transmutam.

Pode-se encontrar no entanto, hoje em dia, as 2 distinções seguintes:

- 1º) Civilização como conjunto de culturas particulares que tem entre elas afinidades ou origens comuns (ex: civilização ocidental) e cultura, como ligada a uma sociedade dada e identificável. Civilização toma portanto, uma conotação mais global, designando conjuntos estendidos, no espaço e tempo.
- 2º) Civilização como termo empregado para as sociedades que apresentam um estado mais avançado do desenvolvimento, marcado pelo progresso científico e técnico, a urbanização, a complexidade da organização social, etc. Nesse caso o termo tem um significado evolucionista.

Depois de termos localizado o conceito de cultura na história e de termos apresentado a distinção entre os conceitos de cultura e de civilização, que se tornou necessária devido à sua proximidade, exporemos em se-

guida a definição de cultura, baseados no livro já citado de Guy Rocher. Referindo-se à definição de cultura dada por Tylor, G. Rocher considera que esta, se bem que data de 1871, é muito completa e precisa, apesar de ser talvez um pouco descritiva demais e de não abordar todas as características que hoje em dia se atribuem à cultura.

Segundo G. Rocher, cultura pode ser definida como sendo um conjunto interligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir, mais ou menos formalizadas, que sendo aprendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, de uma maneira ao mesmo tempo objetiva e simbólica, a constituir essas pessoas em uma coletividade particular e distinta.

A cultura está portanto, implícita em toda atividade humana, seja ela cognitiva, afetiva ou pertinente a tudo aquilo que esteja relacionado ao agir no sentido estrito, observando-a também através de princípios que regulam o aprendizado sensorial e motor. É a expressão enfim da ação prática e reflexiva do homem socializado, de tudo que se pode inferir de sua vida coletiva.

Nas maneiras de pensar, de sentir e de agir, existem graus distintos de formalização. Elas são muito formalizadas, por exemplo, num código de lei, em cerimônias e protocolos e são menos formalizadas nas atividades criativas. Quanto menor a formalização, maior a necessidade ou a possibilidade da participação pessoal na interpretação e adaptação dessas maneiras de pensar, de sentir e de agir.

Outro aspecto que é ressaltado na definição acima, é o caráter coletivo da cultura, já que as maneiras de ser, são consideradas ideais ou normais por um grande número de pessoas.

A subcultura, pode ser considerada uma entidade parcial, dentro de uma sociedade global, uma cultura que está inserida numa outra mais ampla.

A cultura é adquirida através de diferentes mecanismos e modos de apren-

dizagem. Essa aprendizagem se dá de diferente maneira de pessoa a pessoa, e portanto, os traços culturais não são partilhados por um conjunto de pessoas da mesma maneira que por exemplo os traços físicos.

A cultura contribue a formar uma coletividade relativamente fácil de ser identificada, já que normas e valores são partilhados e aprendidos por um certo número de pessoas. De uma maneira objetiva, a cultura contribue para a formação da coletividade, na medida em que as maneiras de pensar, de sentir e de agir estabelecem um laço comum entre as pessoas, que é tomado como um bem comum. A cultura é, portanto, um dos fatores que proporciona a solidariedade social.

Por outro lado, a cultura age também de uma maneira simbólica sobre a coletividade, na medida em que as maneiras coletivas de pensar, de sentir e de agir, servem como símbolos de comunicação ou pelo menos, quando esses símbolos possibilitam uma comunicação. Como exemplo, podemos citar a linguagem, ou os símbolos de comunicação entre jogadores de um time de futebol.

Além disso, o respeito aos modelos, simbolizam em geral a adesão a valores, que simbolizam por sua vez, o fato das pessoas pertencerem a uma dada coletividade. Isso significa que a adesão à cultura é constantemente reafirmada por cada membro da coletividade e por todos, através e pela significação simbólica de participação, ligada a sua conduta exteriormente observável. Isso permite a delimitação não material das fronteiras daqueles que pertencem ou não à coletividade. G.Rocher cita o exemplo de um católico que se abstém deliberadamente de assistir à missa dominical, e que com isso demonstra a si e aos outros que ele está em vias de se desligar ou que já está desligado da coletividade eclesiástica.

A cultura toma assim o caráter de um vasto conjunto simbólico, cujas raízes tomam dentro das realidades psico-sociais um significado, e de mani-

festações essenciais à vida coletiva humana.

Uma outra característica da cultura, é a de formar o que se poderia chamar um sistema. Os diferentes elementos que compõe uma cultura dada, estão unidos através de laços, relações de coerência, e quando se efetuam mudanças num setor de uma cultura estas suscitam mudanças em outros setores dessa cultura. Esses laços e relações, não são em geral, frutos de um pensamento lógico e racional, mas sim, frutos de uma necessidade sentida subjetivamente pelos membros de uma sociedade.

Quanto às funções da cultura, podemos dizer que em termos sociológicos, uma de suas principais funções é a de reunir um grupo de pessoas em uma coletividade específica. Existem também outros fatores que contribuem para isso, como por exemplo, os laços sanguíneos, a proximidade geográfica, a divisão de trabalho, etc., mas mesmo estes fatores, são reinterpretados pela cultura. É através da cultura que as pessoas podem comunicar-se entre elas, se ligam umas às outras, têm interesses comuns, oposições e divergências e se sentem membros de uma entidade que os ultrapassa, e que se pode chamar de grupo, associação, coletividade ou sociedade.

A cultura pode ser considerada como um molde, mas é um molde bastante flexível que permite adaptações individuais, já que cada pessoa poderá assimilar a cultura de uma maneira idiosincrática e inová-la em certa medida.

Apesar da flexibilidade existente, a cultura molda de certa forma a personalidade dos indivíduos, uma vez que para que as pessoas não sejam marginalizadas elas deverão fazer essas adaptações dentro de certos limites, dentro dos quais se encontram opções possíveis e mesmo dentro dessas se encontram opções privilegiadas. Podemos afirmar, portanto, que a cultura dá uma configuração, uma fisionomia à personalidade dos indivíduos, em presta uma feição aos grupos ou camadas sociais às quais está adstrita,

permitindo-lhes funcionar dentro de uma determinada sociedade, e se adaptar ao seu meio ambiente e ao conjunto de realidades com as quais ela de
ve viver.

Toda expressão humana da essência das coisas e dos fatos sociais, pode ser encarada como uma espécie de linguagem. Desse ponto de vista, a linguagem é o princípio que serve à comunicação de conteúdos materiais e espirituais, dentro de domínios como o técnico, o artístico, o filosófico, o moral, etc.

Toda comunicação destes conteúdos é uma linguagem e a linguagem verbal é apenas um caso particular, o da linguagem humana e daquilo que a fundamenta ou se fundamenta a partir dela.

A linguagem não se limita a ser expressão do espírito humano, pois ela se estende a todos os domínios. Tanto a natureza animada como a inanimada, apresentam conteúdos de ordem linguística.

Uma existência que fosse privada de toda relação com a linguagem, é uma idéia; mas dessa idéia, mesmo no domínio de suas extensões como entidade abstrata, não se pode tirar nada de fecundo, pertencendo à linguagem, apenas toda expressão que comunique conteúdos materiais ou espirituais. Não se deve confundir a essência espiritual e conceitual das coisas que se comunica na linguagem, com a própria linguagem.

A essência das coisas, se comunica através da sua linguagem específica, mas não é a linguagem em si. Isso significa que a essência conceitual exteriormente não é idêntica à linguagem, apenas porque pode ser comunicada por ela. Aquilo que é comunicável da essência conceitual é a sua essência linguística.

Qualquer linguagem, portanto, comunica a expressão linguística das coisas, mas apenas comunica sua essência espiritual na medida em que essa essência imediatamente contida na essência linguística e na medida em que ela pode ser comunicada, sendo a manifestação mais clara da essência linguística.

tica, a própria linguagem. A linguagem, desta forma, não substitue a função das coisas, ela expressa aquilo que pode ser comunicado das coisas. Toda linguagem se comunica ela mesma e toda linguagem se comunica nela mesma, já que ela é o "medium" da comunicação.

Já que a linguagem não é a extensão de unidades conceituais, aquilo que é comunicado por ela, não pode ser limitado ou medido de fora e é por isso que cada linguagem tem uma dimensão incomensurável e única no seu gênero. É sua essência linguística, não seu conteúdo verbal, que define e suas fronteiras. A essência linguística das coisas é sua linguagem.

O homem comunica sua própria essência espiritual, na linguagem e a linguagem do homem está principalmente nas palavras. O homem dá nome as outras coisas e dessa maneira comunica (na medida em que é comunicável) sua própria essência espiritual e cultural.

O fato de dar nome às coisas é específico do homem, mas existem outros tipos de linguagem. A essência linguística do homem consiste em que ele dá nome às coisas. O homem não comunica apenas pelo nome, mas sim através do ato da escolha e do emprego do nome. Acreditar no contrário seria tornar impossível a comunicação de sua essência espiritual.

O nome é a essência mais íntima da própria linguagem. No nome, a essência espiritual que se comunica é a linguagem.

O nome, que é uma particularidade do homem, garante que a linguagem, como manifestação cultural, é a própria essência espiritual do homem, e ele é o único ser no qual a essência espiritual é ampla e diversamente comunicável. Daí a diferença entre a linguagem humana e a linguagem das coisas. Só o homem possui uma linguagem perfeita, tanto do ponto de vista da universalidade como do ponto de vista da intensidade.

Entre as linguagens as diferenças básicas se situam em torno das "media" que as distinguem e isto se dá, de acordo com a densidade do comunicado

(designador, nomeador) e do comunicável (nome) dentro da comunicação. No interior de toda estrutura linguística está o conflito entre o expressado e o expressável de um lado e o inexpressado e inexpressável do outro lado. Quando se encara este conflito é na perspectiva de oferecer uma dimensão do inexpressável.

Quanto mais pertinente a expressão conceitual aos fatos e às coisas, mais ela se torna expressável e expressada, já que o sentido mesmo desta intimidade entre o nome e o que ele designa é o pressuposto de uma relação unívoca que se estabelece entre a linguagem e a essência dos fatos. De maneira que a expressão linguística existente, a melhor fixada, melhor expressada e mais estável é ao mesmo tempo aquela dotada de maior conteúdo significativo.

O homem tem a possibilidade, de culturalmente oferecer uma dimensão aos seus produtos materiais e espirituais. Nas coisas a linguagem não é expressada de maneira perfeita - as linguagens das coisas são imperfeitas e são mudas. Elas não têm a forma principal da linguagem que é o som. Elas se comunicam entre si somente pela comunhão mais ou menos material. Essa comunhão é imediata e interminada. No entanto, na linguagem humana essa comunhão mágica com os fatos e com as coisas é um evento cultural. Existe uma linguagem na escultura, na pintura, no cinema, em cada gênero de atividade humana. Da mesma maneira que a linguagem da poesia literária é fundamentada em grande parte na linguagem humana dos nomes, pode-se pensar também que a da escultura ou da pintura é baseada em diversas espécies de linguagem e que aí se encontra uma tradução da linguagem das coisas, em uma linguagem infinitamente mais elevada e, portanto, talvez do mesmo tipo. Se trata aqui de linguagens feitas de matéria. É necessário pensar aqui na possível comunhão das coisas dentro de sua comunicação.

Para conhecer as formas artísticas, pode-se tentar concebê-las como linguagens e procurar sua correlação com as linguagens naturais, como por exemplo a semelhança do ato de cantar do homem com o canto dos passaros. A linguagem da arte deve ser entendida na sua mais profunda relação com a teoria dos símbolos.

Em cada caso, a linguagem não é somente comunicação do comunicável, mas ao mesmo tempo, símbolo do não-comunicável. Esse aspecto simbólico da linguagem depende de sua relação com o símbolo, mas se estende, por exemplo, sobre certa relação, até o nome e o julgamento.

Walter Benjamin, no qual fundamos tais apreciações, diz que não chegou a um conceito purificado de linguagem.

A linguagem de um fato ou objeto é o "medium" através do qual se comunica aquilo que o fato ou objeto tem de essencialmente espiritual.

O fluxo ininterrupto dessa comunicação percorre a natureza inteira, desde as existências mais elementares, até o homem através de suas manifestações socio-culturais.

Assim sendo, diríamos que no plano social, a linguagem pode ser entendida como a expressão dos processos latentes ou manifestos, vivenciados e transmitidos entre os componentes da sociedade.

Dotando de substância tais processos, pela capacidade que demonstram de captarem através de suas linguagens os agentes e as forças sociais, os homens tornam-se eficazes, na medida em que, por intermédio delas se articulam a partir de seus devidos papéis e desempenhos.

"É preciso verificar em que medida os meios tradicionais de expressão são afetados pelo poder transformador da nova linguagem proposta, isto é, até que ponto esta linguagem é realmente nova; em seguida e como necessária complementação é preciso determinar quais as relações que o movimento (suporte dinâmico da nova linguagem) mantém com os outros aspectos da vida cultural, de que maneira a renovação dos meios expressivos se insere no contexto mais amplo de sua época. ... Decorre daí que qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e aliás, intimamente conjugadas; não obstante, às vezes relacionadas em forte tensão); enquanto projeto estético, diretamente ligado às modificações operadas na linguagem, enquanto projeto ideológico, diretamente atada ao pensamento (visão de mundo) de sua época. ... o projeto estético, que é crítica da velha linguagem pela confrontação com a nova linguagem, já contém em si o seu projeto ideológico. O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade), investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo."

LAFETA (João Luiz). "Estética e ideologia: o modernismo em 1930." Revista Argumento, (Rio de Janeiro), Ano 1, nº 2, 1973, 19-20.

A linguagem verbal é a expressão mais nítida da capacidade do homem de formalizar e exteriorizar seu pensamento. Linguagem e pensamento se interam numa unidade que é não só uma essência, como também, um resultado da vida social e da atividade produtiva humana. A linguagem e o pensamento, alteram a natureza e a substância da existência do homem, incluindo-se como fatores que dão margem à criação da sua História, interferindo nela, como instrumentos do Homem que são.

O pensamento generalizado e abstrato e a linguagem articulada são características do homem e se evidenciam pela utilização da palavra, de sua extensão conceitual, como referência a uma realidade que escapa ao seu domínio imediato. Resultados de uma evolução, não meramente biológica, converteram-se no fulcro e na alavanca que lançaram o hominídeo dentro de um outro cenário, no qual se viu transformado em protagonista de um processo histórico ao invés de se colocar como objeto de forças naturais que circunstanciavam sua existência. Basicamente foi a atividade produtiva que remeteu este hominídeo ao exercício do pensamento e da linguagem. Como uma espécie privilegiada, dotada de um sistema nervoso diferenciado e de constituintes anatômicos que favoreceram seu desempenho ativo, absorveu experiências anteriores, convertendo-as, habilidosamente, em realizações práticas através do uso de seus instrumentos, empregando-os na consecução de seus propósitos.

Graças ao pensamento e à linguagem, pôde organizar racionalmente a sua produção e a sua vida social. Conferindo um caráter à ação, tornando-a distinta de atividades semelhantes desenvolvidas por outras espécies, o homem, forneceu a ela um sentido que escapa ao imediatismo de sua evidência enquanto fato. Revestindo-a de significados, que preenchem sua pró-

pria existência, o homem se moldou através de seu próprio exercício produtivo e criador.

A prática humana pode ser vista como mediação que separa o objetivo visado, de sua finalidade concreta, que não sendo apenas seu prolongamento, sua consumação, vai ser seu próprio sentido. Nesta medida se procura o significado dos fatos e das ações relacionados à vida social do homem, na proporção que adquirem seus empreendimentos como suas extensões culturais. Extensões culturais, que excedem os feitos produzidos pelo esforço coletivo de outras espécies, impulsionadas por forças de tendência ingênita. O significado do fato, enquanto produto cultural, é que ressalta que a importância dos feitos não reside na sua concretização, mas na sua finalidade precípua. Desta forma o homem se impõe, a partir da sua dimensão cultural, sobrepondo-se às contingências do presente, pela capacidade de se estender pelo tempo, através da continuidade de sua produção material e cultural.

Ampliando horizontes, estabelecendo pontos de convergência, a cultura é o aparato que regula a interação do conhecimento empírico com os pressupostos da ciência e da atividade criativa, sendo a essência de toda prática social do homem. Este homem que graças à sua capacidade de abstração conseguiu transpor as injunções do seu tempo, colocando-se em relação com as probabilidades de um vir a ser diverso. Homem, indivíduo ou grupo, que historicamente vai se manifestar através de sua cultura peculiar, que pode ser a tentativa empreendida no sentido de criar novas referências para si, ou de estruturar e sistematizar suas experiências em diferentes níveis, autenticando desta forma sua existência a partir da realidade social que a envolve.

O interesse crescente no estudo das ideologias, decorre do modo como as Ciências Humanas em geral, passaram a encará-las como núcleos geradores de papeis e expectativas no plano social. Através de seus conteúdos, manifestos ou latentes, as ideologias alcançaram o quadro de referências de disciplinas como a psicologia, a sociologia, antropologia, política e outras, como uma de suas categorias fundamentais.

De emprego frequente, a noção de ideologia, por vezes tem se confundido com a idéia de cultura, estabelecendo-se uma ambiguidade, que modifica o seu significado conceitual. Ideologia e cultura desenvolvem-se concorritamente, através de mecanismos semelhantes, porém se consubstanciam em fenômenos diversos. Surgida no século XIX, ideologia como sendo a ciência das idéias, através da sua utilização, para explicitar fenômenos sociais, assumiu novos sentidos. Para tanto muito contribuiu, a metodologia marxista, que revestindo a noção de ideologia de implicações políticas, econômicas e culturais, não só estendeu, como aprofundou seus conteúdos. Ideologia e "Weltanschauung" são representações de mundo, que diferem apenas pela concepção que orienta o seu emprego. Afastando-se da Filosofia, a ideologia incorporou-se às ciências que não se limitando a estudar o ser do Homem, entenderam de interpretar as suas manifestações e equacioná-las a partir de condicionantes sociais. Assim sendo, porquento a noção de "Weltanschauung" se atenha a uma visão filosófica e abstrta do mundo, a ideologia passou a ser vista como a expressão do comportamento social do Homem. Constituindo-se através do modo como uma dada coletividade se enxerga dentro do seu quadro social, a ideologia se apresenta como um sistema de representações de processos singulares e globais aos quais esta coletividade está associada. Ao mesmo tempo que di

forma às aspirações desta coletividade, inspirando-se em valores normativos e simbólicos, a ideologia, serve de conectora entre uma estrutura mental e abstrata e a realidade empírica da qual procede.

O fenómeno ideológico compreendendo manifestações de ordem moral, religiosa, jurídica, política, etc., não é necessariamente, cada uma destas manifestações em si, senão o conteúdo de que se revestem. Conteúdo, capaz de conferir um grau de adequação a modelos de comportamento e sistemas de valores, essência significativa que empresta ao fato concreto um sentido ideológico.

Partindo de uma situação social, resultado da maneira como os indivíduos ou grupos absorvem a continuidade ou transformação das forças que atuam no âmbito de suas existências comunitárias, as ideologias são reflexos de preocupações, interesses e expectativas inerentes a modos de vida peculiares. A partir daí o conceito de ideologia adquiriu uma conotação que excede o seu sentido como fenómeno ou categoria de análise social. Quando não corresponde a uma visão de mundo predominante é tida como utopia, que não se integra organicamente ao que vige por força de circunstâncias determinadas. Utopia porque insinua um estado de coisas diferente do que é presenciado e escapa à percepção ou compreensão imediata. Por outro lado, quando é um reflexo direto do modo como uma sociedade se apresenta organizada é encarada como força mistificadora. Atribuindo-se então à ideologia um papel de empanadora da consciência dos homens, colocados no interior de classes, sendo vista como um instrumento criado pelas classes dirigentes que empolgam o poder.

Tais considerações surgem a partir de Marx e reformuladas por teóricos marxistas, se referem a ideologia como uma superestrutura uniforme, aparato capaz de equacionar e regular todos os aspectos e fatores que atuam em um amorfó sistema social. Para a compreensão do fenómeno ideológico,

deve-se levar em conta a existência de um complexo mais amplo e abrangente do qual cada manifestação de caráter ideológico é parte subjacente. Deste modo poderia se entender uma ideologia peculiar e parcialmente, dentro de uma configuração que envolve a análise e consideração de múltiplos agentes e estruturas sociais. Para quem se vale de uma teoria que recorre ao emprego de um método de análise dialético, antes de concluir pela existência de uma superestrutura ideológica, deve avaliar as interações e as circunstâncias frutos de um processo histórico. Se uma dada ideologia se apresenta como um endosso aos interesses de um grupo ou elite dirigente, além de não se dever considerá-la, senão dentro de sua singularidade, deve-se avaliá-la a partir de seus aspectos e fatores essenciais, podendo-se atingir desta maneira, seus condicionantes e consequências, inferidos de suas implicações sociais. Desta forma esta suposta ideologia, típica de uma classe dominante, que exerce um controle maior e mais efetivo dos meios de produção materiais e culturais, não poderia ser considerada além de suas implicações principais, quais sejam, a de orientar outros grupos sociais através de uma concepção de vida essencialmente alienante, feitichista e reificada. Para o trabalho que está sendo desenvolvido, a ideologia e as ideologias se incluem dentro desta concepção mencionada acima. Transferindo-se através de conteúdos simbólicos, em manifestações culturais várias, para quase toda modalidade da prática social do Homem, num dado contexto. Dentro das manifestações gráficas não convencionais como um conjunto de representações que se referem a uma situação atual, as vezes escapando à esfera do imediatismo e do circunstanciado, alocando outro gênero de valores e juízos de realidade, ultrapassam a ordem vigente, transcendendo-a pela crítica e pela contestação. Desta forma através do emprego de representações gráficas não convencionais ,



pode-se chegar a estabelecer uma organização, ainda que abstrata e in-
consciente, de um quadro de referências ideológicas, que fundamentam pres
supostos reais e relações que se efetivam dentro de um sistema social de de
terminado.



Ganha evidência em nossos dias, um tipo de fenômeno, que sem ser recente, tornou-se alvo de atenções na medida em que o desenvolvimento dos estudos na área de comunicação social, propiciou abordagens que incorporassem manifestações de conteúdo gráfico a uma linha de atuação analítica que oferece uma interpretação mais consequente desses fatos e seus alcanços sociais. Destacadas do quadro de referência de disciplinas acadêmicas, as manifestações gráficas puderam escapar à manipulação que levaria a um esvaziamento decorrente das considerações metodológicas e conceituais a que estariam submetidas. Ainda que tais considerações não conduzissem necessariamente a uma apreciação desvinculada dos conteúdos e implicações sócio-culturais, tenderiam a ressaltar os aspectos formais destas manifestações. Partindo da premissa de que a importância do objeto em questão reside, basicamente, na oportunidade oferecida por ele para um sem número de novas indagações, que fogem da tutela acadêmica, incidiu-se numa ótica, que resguardando a importância dos constituintes formais, plástico-estruturais, remetesse a interpretações que irão se validar como subsídios para o estudo de um produto, como fruto da ação cultural de certos estratos de classe. Desta maneira, adotando-se uma conduta, cujo propósito antes de tudo é situar tais eventos, manifestações gráficas de caráter não convencional, como produtos de grupos ou indivíduos dentro de um contexto social determinado, tornou-se relevante a análise de categorias e componentes que servem como orientações seguras, para localizar os indicadores das motivações, dos tipos de expectativas que alimentam e estimulam os autores destas manifestações, assim como para avaliar os seus modos de vida e os seus papéis sociais.

Ainda que não seja sua finalidade, mas na medida em que o trabalho permiti

te outro encaminhamento, tomando como objeto de estudo as relações estruturais e os aspectos formais do dado em questão, convém lembrar, que se assim fosse feito, ter-se-ia que recorrer a outro instrumental de análise diferente do que foi utilizado. Nestes casos, a organização apresentada pelos elementos que se conjugam no objeto focalizado suscita observações que são fecundas antes de tudo para a formulação de critérios estéticos e que sem esmaecer, reforçam os conteúdos implícitos a sua estrutura significativa.

Interessa, como já foi assinalado, avaliar aquilo a que o dado em questão remete, como configuração ou expressão latente de uma ideologia parcial e peculiar, bem como averiguar os condicionantes deste, enquanto um produto cultural, ao invés de reduzi-lo a constatações que se evidenciam através do próprio conhecimento empírico. Por sua vez, o questionamento, na tentativa de investigar os fundamentos de tais manifestações, apoia-se numa metodologia que sem desconhecer os preceitos da ética, incorre em indagações sugestionadas pelos pressupostos da crítica dialética. Assim sendo, ante o que se incorporou ao nosso universo cultural, como instâncias que, eventualmente, possam estar marcadas por um cunho pornográfico ou subversivo, cabe um procedimento reflexivo, que nos leve a uma compreensão mais consequente dos nexos sociais que se estabelecem e que vão condicionar tais eventos, ao invés de uma rejeição taxativa, e pretensiosa do que é real e vigente. Como produtos do tempo, resta-nos encarar tais manifestações, não como seus resíduos ou excessos, mas como uma de suas dimensões, uma de suas formas de significação e de cultura.

II

Resultado das condições do desenvolvimento e da absorção desigual dos meios de produção, a defasagem entre estágios alcançados no plano econó-

mico, vai caracterizar historicamente o subdesenvolvimento e suas consequências em diferentes nações.

O crescimento de forças materiais e o seu aproveitamento inadequado, redundaram na falência da idéia do progresso uniforme, homogêneo e integrado da humanidade e da aproximação de suas latitudes culturais. Paradoxalmente, assiste-se a um vultoso potencial técnico acumulado, adormecer, entregar ao descaso regiões da esfera terrestre, populações inteiras ou partes dela. O mundo contemporâneo se esfacelou em fragmentos, unidades, que são as medidas capazes de conferir os graus de identidade ou objeções, que se estabelecem através das relações das partes periféricas com os centros geradores e mantenedores das condições que permitem o desenvolvimento ou o atraso econômico. Centros estes, onde ganham corpo, modalidades de cultura, que graças à intimidade com o aparato que as produz, tornam-se consoantes com as aptidões, expectativas, com o modo de vida das populações locais. Sendo também atribuído a estas modalidades um fim, que transmutando suas características originais, vai lhes conferir outro substrato, enquanto mercadorias, que através dos canais de "cultura", servirão como reforços teóricos e materiais da dominação encarada dentro de um ponto de vista econômico. Assim, verifica-se nos centros de economia hegemônica, a consonância alcançada através do modo como a experiência social no campo da produção foi assimilada através das expectativas endossadas pelo consumo de bens, tendo-se o consumidor como um agente direto, ou elemento que de alguma maneira participa na transformação de matéria bruta em fato cultural. Alinhando-se através de um processo que leva à sua consubstanciação como fato, qualquer manifestação cultural é fruto de ação direta ou indireta das forças que atuam sobre os componentes de um conjunto social. Emerge do processo como um fenômeno que tem seu vigor demonstrado pelo modo como as disponibilidades materi-

ais, são catalizadas, sentidas, elaboradas e se convertem através da praxis social.

Já se considerou o progresso técnico-material absorvido desigualmente (seus reflexos na formação da riqueza das nações, na distribuição da renda e dos benefícios sociais) como um dos responsáveis pelo estiramento da pirâmide que serve como registro gráfico à composição social de classes. O adensamento da renda, a concentração dos bens, no interior de uma secção reduzida, no ápice da pirâmide, representativa de uma elite, além de alargar as distâncias sociais, vistas através de indicadores econômicos, acentua um processo de estratificação típico, caracterizado por uma mobilidade descendente, induzindo também, a hipótese de que ocorra uma mais ampla gama de diferenças culturais, decorrente do feitio como as canadas, setores, grupos, sub-grupos, reagem à ação discriminadora deste progresso técnico-material. Tal reação se observa pela maneira como o grosso da população, percebe, equaciona seu modo de vida, manifesta a sua sensibilidade em função do acesso, ainda que indireto, mediatizado, às emanações do referido progresso.

Em níveis distintos, certos produtos culturais, resultados técnicos do progresso, transladados para o âmbito da vida social de certos grupos, tem repercussões variáveis de acordo com o modo, como estes grupos, absorvem ou rejeitam seus ingredientes e o caráter que lhes atribuem. Verificar o grau de inadequação entre tais produtos, a partir de sua maior ou menor receptividade, torna-se irrelevante, na medida em que não se quer tratar com um grupo social determinado, a ponto de estudar e conhecer profundamente aquilo que concerne ao seu modo de vida e depois estabelecer os parâmetros da adequação entre os elementos relacionados. Cabe também assinalar, que há exposições que se referem, nitidamente, às condições históricas dentro das quais os fatos culturais eclodem. Ao ní-

vel da análise sociológica, ressaltamos apenas aquilo que foi estritamente precípua. Assim sendo, a referência a valores, a padrões de cultura e a necessidades relativas a certos grupos, se valida pelos acréscimos trazidos nas análises do conteúdo simbólico do valor, da cultura e da ideologia, a partir das manifestações gráficas consideradas.

III

Um sistema de valores, os modelos de comportamento, servem como fios condutores dos apelos que fomentam a aceitação de produtos ou hábitos novos. No estágio atual, sujeita à ação intermitente de mecanismos de controle e de propaganda, a grande massa social comporta os conteúdos simbólicos dos grupos que a manipulam através de dispositivos criados com esta finalidade. O público, como categoria de análise sociológica, cedeu lugar às considerações ligadas aos fenômenos que envolvem o comportamento e as expectativas desta massa. Massa, que para sua conceituação exigiria a ideia de seu estado de desagregação, de sua perplexidade, de seu amorfismo. De sintegrada e pouco opinativa o que salta de seu bojo, são as expressões parciais calcadas em geral nos estímulos oferecidos pelos meios de divulgação convencionais ou pelos modelos de comportamento vigentes. Ainda que não reafirmem o que foi veiculado ou trazido pelos canais apontados, não revelam uma maior virulência crítica ou criativa, resultante de um exercício de elaboração conceitual ou formal. Dentro desta massa, apenas um reduzido núcleo consegue manter o discernimento e uma postura crítica diante dos eventos proporcionados pelo fenômeno "cultura de massa" e suas consequências, cultura em sua essência alienante, superficial em suas manifestações, que interiorizada não fornece indícios de sua natureza, sua substância, seus condicionantes enquanto fato cultural. Menos

afeito às emanações desta "cultura de massa", quer pela sua capacidade de elaboração e formulação teórica, quer pelo que, como resultado de tal exercício, impele a uma tentativa de recomposição crítica do que é real e vigente, este núcleo superando o conformismo e a falta de imaginação, leva a crer que seja possível "semear ventos" e "extrair leite das pedras".

Não se colocando como expressão mais abrangente deste momento adverso, a "intelligentsia" é antes de tudo um resultado, do que uma causa de um fenómeno amplo que, circunstancialmente a sufoca através de injunções econômicas, políticas e culturais. Tendo suas iniciativas consagradas ao descaso, diante da apatia da massa, da imunidade aos seus apelos, a produção intelectual mantém-se num plano em que não conseguindo captar atenções embotadas e desnaturadas, procura se manter à tona d'água, como que por analogia ao milagre, descobrindo e avançando pelo caminho das pedras, esbarrando constantemente, nos obstáculos físicos e culturais, que explicita ou implicitamente, ressaltam pontos cruciais deste processo de amorteamento e esmagamento de toda deliberação mais crítica ou mais criativa. Daí o fato de se evidenciar manifestações que evocam a ruptura existente entre o ser e o meio social. Meio social determinado, no qual se efetivam processos de castração e embrutecimento do ser humano. Daí a escolha de manifestações não convencionais, registros de atitudes desvinculadas de um compromisso formal com o sistema e suas instituições, que evidenciam o descompasso entre as culturas, bem como a falta de sincronia entre o carácter técnico-material do progresso e o carácter que assumem tais manifestações, tipificando um quadro de desajuste e desagregação entre o ser social e o ser individualizado. Individualização, que diz respeito ao modo como se truncam a personalidade do indivíduo ou a mentalidade de um grupo respectivo, e um complexo ideológico que as abrange.

Fornecendo novos ingredientes para movimentos de formulação cultural no campo da programação gráfica ou das artes plásticas, as manifestações não convencionais se anunciam como um possível ponto de partida para que se enverede por um outro caminho, oposto ao que é adotado na busca de soluções já desgastadas pelo emprego frequente nos respectivos campos. Antitese do trabalho de encomenda, que predica valores já consagrados e, via de regra, postula o aprimoramento formal como critério de aceitação pública, o não convencional se valida pela efervecência de seus conteúdos semióticos, culturais e ideológicos. Em sua aparente gratuidade, alude, criticamente, a uma situação em que os fatos e as coisas se conjugam como realidades que se ordenam através de uma lógica que escapa às necessidades e aos sentimentos de grande parte dos homens.

sem reivindicar para si o lugar reservado a tudo e a todos que enaltecem ou reafirmam a institucionalidade da moral, dos valores e da ordem, o não convencional sugere uma visão, grosseiramente poética, em sua globalidade, que encerra as ideologias, mentalidades, expectativas dos que avançando sobre as contingências do tempo e desta sociedade, legitimam voluntariamente um sentimento ou parecer não sancionado. Contrapondo-se ao que é officioso e consentido, indica um procedimento mais autêntico e menos dissimulado, no que diz respeito ao que é veiculado como expectativa ou necessidade daquele que o produz.

emos, então, que da distinção entre manifestações que abraçam visões de mundo diversas, resulta um tipo de apreciação que vai além da mera constatação de tais feitos. Dentro da manifestação gráfica procuraremos distinguir não apenas os fundamentos estéticos, mas sim a vertente ideológica

ca que sobre eles se ergue. Se conseguimos identificar em certas obras mais claramente um conteúdo ideológico, isto não quer dizer que este conteúdo esteja expresso claramente em toda manifestação. Em certos casos os monumentos servem de registro de certos fatos ou como homenagens a personagens históricos. Contudo o que se pode dizer de uma mancha de tinta que surge sobre um suporte não determinado? Porém na medida em que histórica, geográfica, sociologicamente é localizado tal suporte, pode-se atribuir um significado a esta manifestação em princípio aleatória. A mancha de tinta e o monumento são fatos sociais, que a estética permite ver sobre certo ângulo, mas que escapam à compreensão na medida em que como parcelas de um todo, se incorporam a um universo mais abrangente repleto de determinações voluntárias ou não, mas que em última instância, se configuram como ações sociais e não podem ser vistas fora do quadro das ciências que estudam o comportamento do homem e dos fenômenos relacionados a sua vida comunitária. Pois bem, o monumento adquire um sentido e a mancha de tinta também. Poderíamos dizer, que por vezes o trabalho criativo recobre a realidade, revestindo-a de significações que em geral não são as que lhe atribuem certas camadas da população. Utilizando exemplos temos certas obras que enaltecendo os feitos da tecnocracia, desvinculam a tecnologia de uma função social, qual seja de socializadora, pela possibilidade de tornar acessível e mais amplo o bem estar público. Desta forma estas obras tendem a se converter em molas mestras que impulsionam os planos de construção social, escondendo o estado de entorpecimento, obscurantismo e indiferença, legados históricos dos povos oprimidos. Ora, é dentro deste estado que coexiste a grandeza monumental das obras oficiais, a produção cultural oficiosa e o que não se tem acesso graças à intervenção dos mecanismos repressivos, e censores, mas que viceja em outras áreas, como expressão do que é latente e repercute de ma-

neira consciente ou espontânea em vários níveis de atividades ou localizadamente nas manifestações gráficas não convencionais.

Vista a grosso modo, enquanto produção que se ampara na receptividade da massa, em seus gostos e expectativas pré-estabelecidos como denominado - res comuns, dentro de uma longa escala de tendências e proposições culturais, temos manifestações que fogem diametralmente dos critérios de análise e apreciação empregados na avaliação de produtos convencionados. Se consolidando ou se deixando marginalizar por força de pressões internas ou externas, da parte de quem a produz ou de quem a absorve, toda manifestação cultural ao mesmo tempo que almeja o acesso aos quadros institucionais, está sujeita aos fenômenos que regulam sua realização e a sua assimilação enquanto produto social. Sem ser "underground" ou contra cultural, o não convencional se legitima pelo fato de reportar vivências que coincidem de maneira idêntica no modo de ser. Vejamos: tais manifestações gráficas não são deliberações críticas, que se chocam intencionalmente com as modalidades culturais vigentes, sendo antes de tudo um reflexo da maneira como o sistema (e os sub-sistemas de participação, de cultura, econômico e político) atua sobre os indivíduos e grupos, das relações não organizadas destes estratos sociais aos fatores e mecanismos de encadeados. Portanto, torna-se difícil enquadrar estas manifestações gráficas não convencionais no âmbito de qualquer um destes segmentos culturais estruturados a partir de um princípio diretor. Apesar do envolvimento com um complexo ideológico, que lhes serve de estímulo e motivação, não devem ser vistas bem delineadas em seus contornos, preliminarmente, como segmento ou gênero cultural determinado.

A cultura ou as culturas podem ser suportes de um complexo ideológico, ao mesmo tempo que são seus filtros. Inferimos que dado o caráter não convencional das manifestações, elas atuam como lentes que permitem a forma

ção de imagens virtuais da sociedade na qual se localizam.

Neste sentido se poderia falar em outro tipo de manifestação que se coloca, nitidamente, em oposição ao "status quo" vigente, mas que foi considerada convencional, por que é a expressão emitida por um grupo político que a formula com uma finalidade determinada, sendo esta fruto de análise prévia da realidade e de elaboração teórica. Por isto tais manifestações, políticas, quando assinadas por partido ou organizações para-partidárias, se apresentam como objetos de sanções dos grupos que a emitem, e portanto não foram considerados. Da outra forma, as inscrições que propagandeiam a música e conjuntos com pretensões "underground", que proliferaram criando acesso ao mercado consumidor descaracterizadas pela função social que assumem, sujeitas à ação do aparato de produção, divulgação e distribuição, foram tidas como irrelevantes.

IV

Não houve o intuito de circunscrever a área de atuação da pesquisa à computação de casos, de manifestações gráficas colhidas, nem mesmo, sequer, verificar com que intensidade elas ocorrem, pois se tendo consciência das limitações do trabalho, não se viu porque alongá-lo com um registro detalhado destas ocorrências. Por outro lado, dentro da maneira generalizada como são apresentadas as manifestações, destaca-se o que elas têm de comum e essencial, portanto, de significativo. Tal mostra se oferece desta forma, uma vez que se fosse cair na análise de casos específicos, se incidiria num rebuscamento, que tornaria, para efeitos de análise, o fenômeno cada vez mais complexo. Levou-se em conta que, por força de novos agentes sociais emergentes, manifestações diversas, mas de mesmo ca

ráter vão surgindo. Assim sendo as fotografias são complementares e valem no seu conjunto, na unidade que se cria através de suas interações. Intentou-se antes de tudo, uma análise que escapando ao rigor ou ao dirigismo conceitual, facultasse pela sistematização de certas categorias, à adequação de um quadro de referências tomado, a um fenômeno, através do seu estudo interpretativo. Estudo este, que desemboca, como exercício introdutório, numa área de conhecimentos recém aberta e sujeita a novas formulações.

Aceitando a possibilidade de equívocos e erros de interpretação, considerou-se mais oportuno este encaminhamento interpretativo, do que a adoção de um esquema, fundamentado na constatação pura e simples das manifestações gráficas, que se restringisse à análise descritiva, apoiado nas observações de aspectos formais, ou no equacionamento destes fatos referidos, em função de conceitos que aplicados não serviriam como expressão mais convincente das manifestações deste gênero.

Na medida em que tal preocupação moveu o andamento do trabalho, restou como alternativa a escolha de um método que favorecesse, realmente, o estudo interpretativo ao invés de convertê-lo numa experiência de caráter decisivo.

Para compreensão de um fenômeno desta natureza é preciso portanto, se abster de certos juízos de valor que estão relacionados com a formação cultural que se atravessa. Em geral tudo que escapa ao âmbito de uma vivência cultural determinada é visto segundo estereótipos que encerram o conteúdo de uma visão limitada e deformadora, de uma atitude pseudo-científica ou pouco imaginativa em face de uma ocorrência nova. Entre o exotismo e o constrangimento uma larga escala de situações se faz ver, despertando a atenção e fazendo sentir quão estreitos são nossos conhecimentos e fronteiras culturais. Quando por ventura, se tem a oportunidade

de deparar com um fato ou manifestação cultural, que amparados em outros modelos de comportamento, sistemas de valores e sanções, contrariam parte do que por força do hábito, se acostumou a erigir. Sente-se, desta forma o impacto causado pelas cargas de valores diferentes que se chocam. A compreensão de que o universo de valores excede a experiência individual ou grupal é da maior importância quando se quer assumir uma conduta analítica frente a um fato novo. Sente-se a partir de uma situação concreta, quanto difíceis de se dissipar se tornam os juízos de valor, pelo tanto que estão arraigados. Basicamente, são eles que impõe uma orientação subjetiva quando se aprecia qualquer manifestação do não-convencional. A dificuldade de se distinguir experiências vividas transitória e dos fatos que são analisados com o auxílio de uma metodologia científica é típica daqueles que guiados pelo etnocentrismo, demonstram pouca abertura em relação a processos dos quais se colocam à margem e com os quais não conseguem estabelecer afinidades. O subjetivismo estruturado numa razão individual ou grupal, culmina com a transformação de impressões primárias emitidas em verdades generalizadas, na criação de estereótipos que induzem à discriminação ou à segregação. Justamente por escapar à sua capacidade de perceber e conhecer a realidade, é que os indivíduos e grupos assumem uma visão subjetiva na análise dos aspectos e fatores desta mesma realidade. São tais visões e procedimentos, marcados pelo subjetivismo, que tipificam uma exagerada pretensão à auto-suficiência. Para quem enxerga e se orienta através desta ótica etnocêntrica e subjetiva, a dificuldade de absorver os seus contornos e se tornar permeável à ação de outros mecanismos culturais é muito maior, fazendo do indivíduo, em sua postura de conhecedor da realidade que lhe é próxima, um homem de visão estreita, sem ideia de suas insuficiências e da amplitude do universo cultural que lhe cerca.

Superior de De...

A interdependência entre ciências que estudam os fenômenos empíricos e abstratos cada vez se torna mais evidente e deste modo quando se aborda um qualquer aspecto da realidade dentro do quadro de referências de uma disciplina isso se inclui como parte de um encaminhamento, como meio de operar e compreender o que está sendo focalizado. O alcance deste exercício analítico dependerá da eficiência com que se dispõe dos recursos da investigação empírica e teórica e do emprego de uma metodologia conveniente. Tais considerações vêm à propósito do fato de que em princípio a maneira como seriam abordadas as manifestações gráficas não-convencionais, causou estranheza. Como na análise de um problema ligado à área da comunicação visual, a sociologia poderia fazer suas incursões? Quando, na verdade, o que deveria causar espécie é o fato de como até então se prescindiu dela na análise de um fenômeno cultural e social. Social e cultural, que dizem respeito às interações de todo e qualquer aspecto de uma disciplina ou formação voltadas para uma possibilidade de aplicação dentro do aparelho industrial através dos mecanismos de produção e de mercado que condicionam e formulam, no caso, os padrões que orientam o próprio "design". O que a sociologia faz é desvendar estas modalidades de interação e avaliar a dimensão que assume cada uma das implicações do ensino e da prática do Desenho Industrial e da Programação Visual, dos seus problemas correlatos dentro de um determinado contexto social. Desta forma, vem auxiliar no sentido de se estabelecer um grau de adequação entre as atividades mencionadas e o sistema do qual fazem parte. Auxiliando, também, na tentativa de se localizar e se suprimir os seus problemas em questão.

O emprego, não da sociologia mas, de um método de análise sociológico, faculta uma compreensão mais abrangente de aspectos ligados a todo tipo de formação voltada para o estudo do comportamento humano. Assim sendo

é preciso assinalar que quando se aborda um aspecto determinado da ação do homem não se está prescindindo de se considerar a sua ação social como um todo. Da mesma forma, o que se ressalta é que o trabalho desenvolvido se torna relevante na medida em que pode permitir uma visão mais ampla, mais completa do contexto social, que condiciona tal gênero de manifestação gráfica. Assim sendo abandonando qualquer pretensão à originalidade, o que se visou acentuar é uma dinâmica que se evidencia no não-convencional através da relação que se verifica entre as suas manifestações e fenômenos sociais desencadeados. Tornando outrossim, a reafirmar que não se procurou estabelecer juízos de valor ou critérios de validação do objeto de análise que não sejam técnicos ou inerentes ao conteúdo do trabalho. Vistas deste modo, as manifestações gráficas não-convencionais podem ser apreciadas mais consequentemente através de suas vinculações concretas com seu quadro de autoria.

VI

Dentro da dinâmica que se efetiva através da relação entre o que é expresso nas manifestações gráficas não-convencionais e os fatores ou fenômenos que as circunstanciam a que se destacar a vigência, o predomínio de certos padrões estéticos inerentes ou exteriores à estrutura das ocorrências citadas. Padrões estes que dizem respeito ao emprego reiterado de sinais, formas e linhas extraídos de um repertório utilizado pelos meios de comunicação convencionais. Colocando-se lado a lado por vezes elementos de configuração semelhante, reportam situações de maneira bastante diversa. Desta forma infere-se que há um nível de condicionamento através do qual o autor da manifestação assimila o código convencional, dotando-lhe de outro significado. É um tipo de condicionamento diferente,

através do qual elabora a forma que vai servir de elemento suporte para o que vai exprimir. Não nos estenderemos em nenhuma dessas considerações, posto que nos propusemos antes de tudo, a sistematizar e formalizar categorias de análise ao invés de dar resposta a questões que eventualmente possam surgir. Através dos sinais ou componentes gráficos que são adotados pode-se estabelecer um nexu na relação da ocorrência inscrita com os tipos de condicionamentos sofridos por quem as produz. Da mesma maneira, se pode localizar a quem ou a que se dirige, se atinge seu objetivo, funcionando como elemento polarizador. Para tanto, como já foi diversas vezes assinalado, é preciso compreender que se avalia a manifestação gráfica não-convencional como manifestação cultural dentro de um contexto social historicamente determinado.

Considerando as motivações e repercussões de tais ocorrências, buscar-se-a os canais nos quais se registram as manifestações gráficas, o modo como se dá a interação destas com o público. Verificar-se-a em que nível se dá a sua comunicação, qual o seu tipo, a quem atinge, como e porque certos grupos se tornam imunes a ela. Que grupos sociais produzem tais manifestações com mais intensidade e quais deles extraem delas algum significado.

Tendo-se em vista a relatividade dos fatores que orientam a produção desses inscritos, não se pressupõe que cada manifestação tem um significado social objetivo. Razão pela qual na amostragem foram apresentados em seu conjunto não sendo considerados em suas respectivas singularidades. A nitidez do caráter individual de que se revestem, escapa muitas vezes às injunções do meio social no qual se localizam. Reflexo de componentes psíquicos e biológicos, que diferenciam e condicionam estruturas pessoais diversas, cada indivíduo reage de maneira diferente aos estímulos e apelos a que está sujeito o grupo, ou os grupos, aos quais pertence.

O que resta sublinhar é a força do condicionamento social sofrido e como a ação do indivíduo ou grupo transbordando de seus limites naturais de choça com valores e padrões, convencionados, estabelecendo novos pontos de afinidade e de interação. Assinale-se que a interação só se torna viável quando a manifestação é a expressão de algo significativo para um grupo. Temos para ilustrar o costume dos mendicantes na Idade Média que se comunicavam através dos muros das cidades, instruindo e orientando aqueles que na mesma prática lhes seguiam. Na China a tradição do jornal mural que serve de ponto de convergência e discussão para numerosas pessoas. A "bôca de fumo" (local onde se processa tráfico da maconha), e a propaganda política clandestina, encontram numa simbologia transmitida através de muros seus elementos de interação que escapam ao sentido dos mesmos símbolos sociais sancionados.

Assim, circunscrevendo suas mensagens a áreas de alcance limitado cada indivíduo ou grupo, em seu voluntarismo e anonimato vai criando e estabelecendo suas linguagens e modos de expressão peculiares, na medida em que se estratifica e se diferencia, inconscientemente às vezes fornece indícios dos limites que separam a sua consciência provável da sua consciência possível.

Rio de Janeiro, novembro de 1974

BIBLIOGRAFIA

- ROCHER (Guy). Introduction à la sociologie générale. I, L'Action Sociale, Paris, Éditions HMH, 1968, 192 p.
- GOLDMAN (Lucien). Dialética e cultura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- VASQUEZ (Adolfo Sanchez). Filosofia da Praxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- BENJAMIN (Walter). I. Mythe et violence. Paris, Éditions Denoël, 1971, 333 p.
- SCHAFF (Adam). Introdução à Semântica, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, 378 p.
- RUDER (Emil). Typographie. Suíça, Arthur Niggli Ltd, Teufen AR, 1967.
- VELHO (Gilberto). "Para que a Sociologia da arte no Brasil". Rio de Janeiro, Cadernos Brasileiros, Ano IX, nº 2 - 40.
- BASTIDE (Roger). Sociologia da arte. São Paulo, Ed. Martins, 1945.
- LAFETA (João Luiz). "Estética e ideologia: o modernismo em 1930". Rio de Janeiro, Revista Argumento, Ano 1, nº2, 1973.
- UNESCO. El Arte de la escritura. 1965
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17 de agosto, 1974.
Rio de Janeiro, 30 de junho, 1974.
- Revista VISÃO. 14 de fevereiro de 1970.
15 de julho de 1971
Agosto de 1973

REVISTA VEJA. 3 de abril de 1974

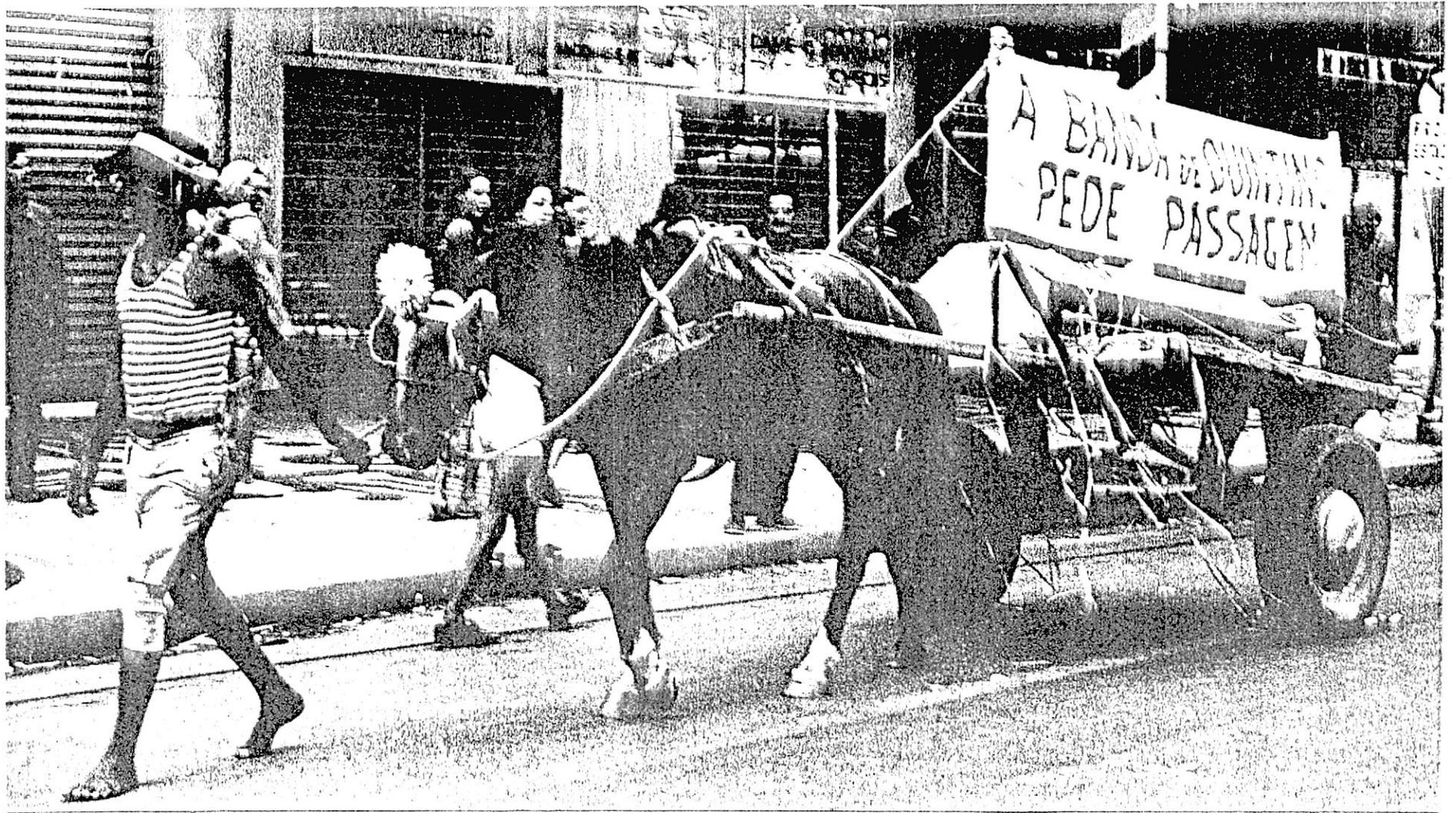
BERNARDES (Vera). Letreiro Popular no Brasil. 1973, Trabalho de Formatura da ESDI.

EPPINGHAUS (Roberto). Análise das Relações imagem + som. 1971, Trabalho de formatura da ESDI.

POVO SEM
A SUA CULTURA
É UM POVO
MORTO











NEM DE PRIMEIRA
NEM DE SEGUNDA
NEM DE TERCEIRA
VOU A PÉ!

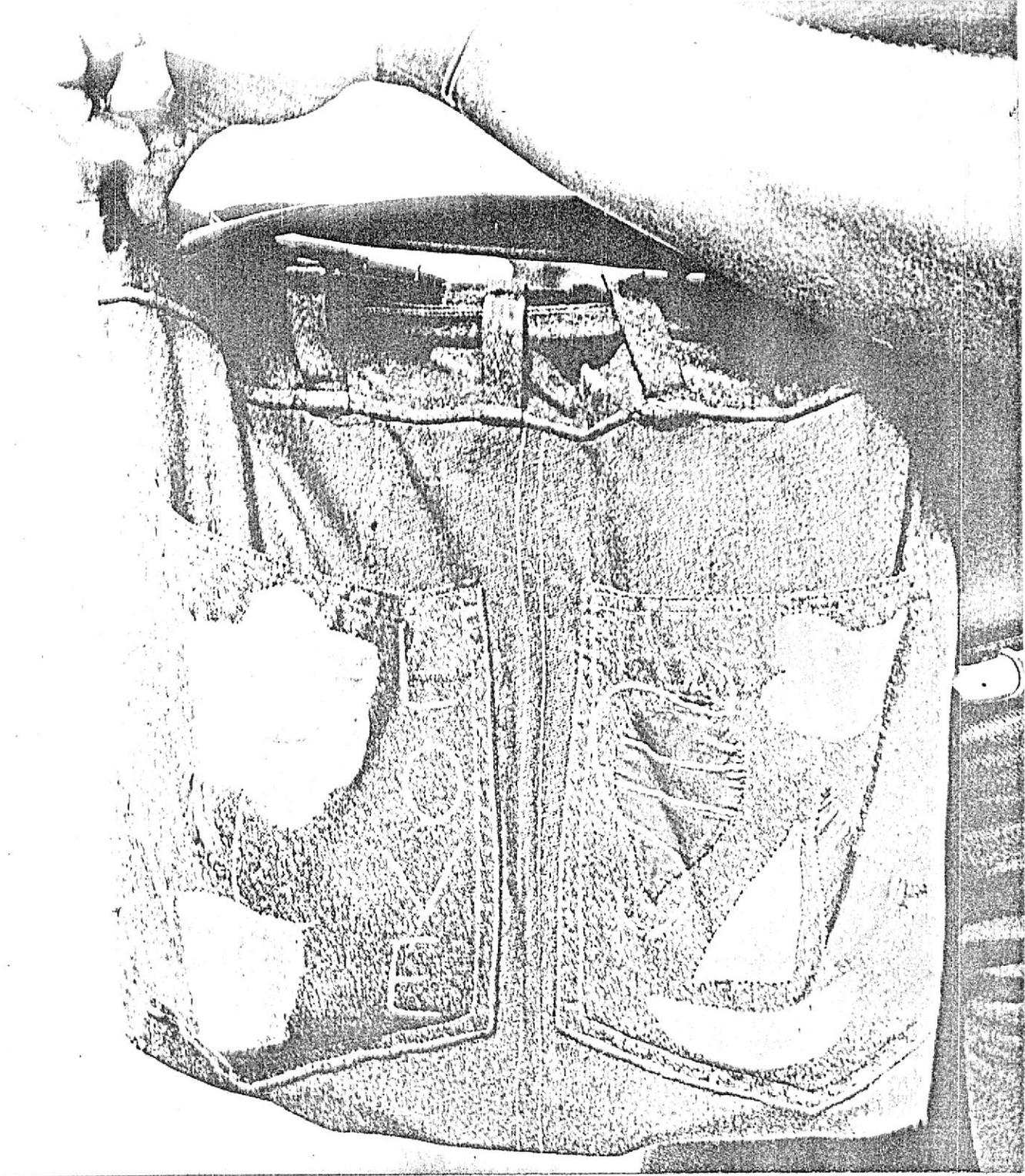


**VOCÊ É UM TIPO
MODERNO? MAS HÁ UMA
MISTURA COM O ANTIGO.
O HOMEM QUER EMBELEZAR-SE
E A MULHER REJUVENESCE**

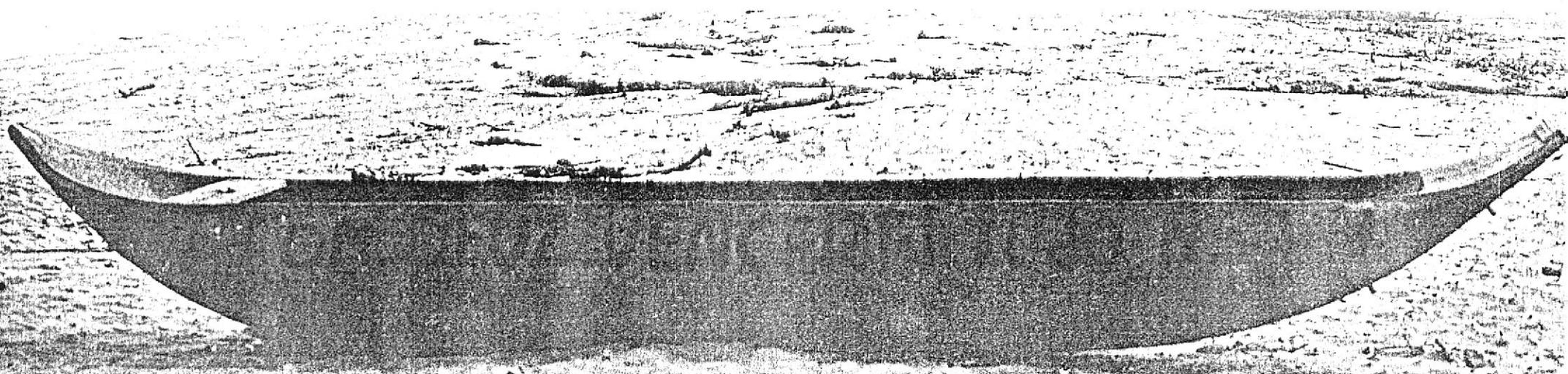


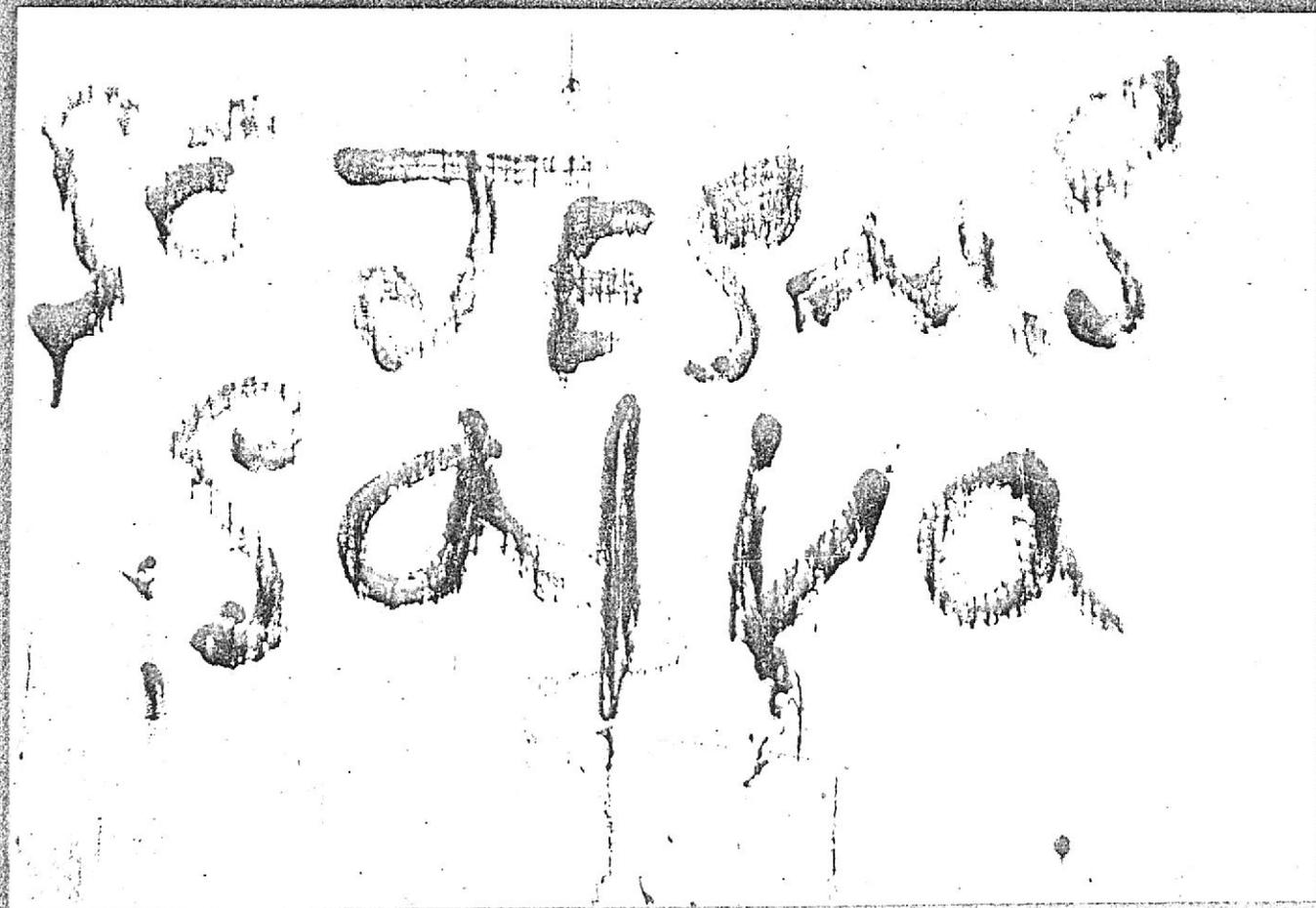
A QUI ESTAN
POR ME BRINDAR CON
MIE OUVIMASIA!!!
QUE VENHO DA
PARIBALLI
CANTAO DE A...





MONGOKÉ VINDO
DEUS É AMOR





DO ESTACIONAR VEÍCULOS

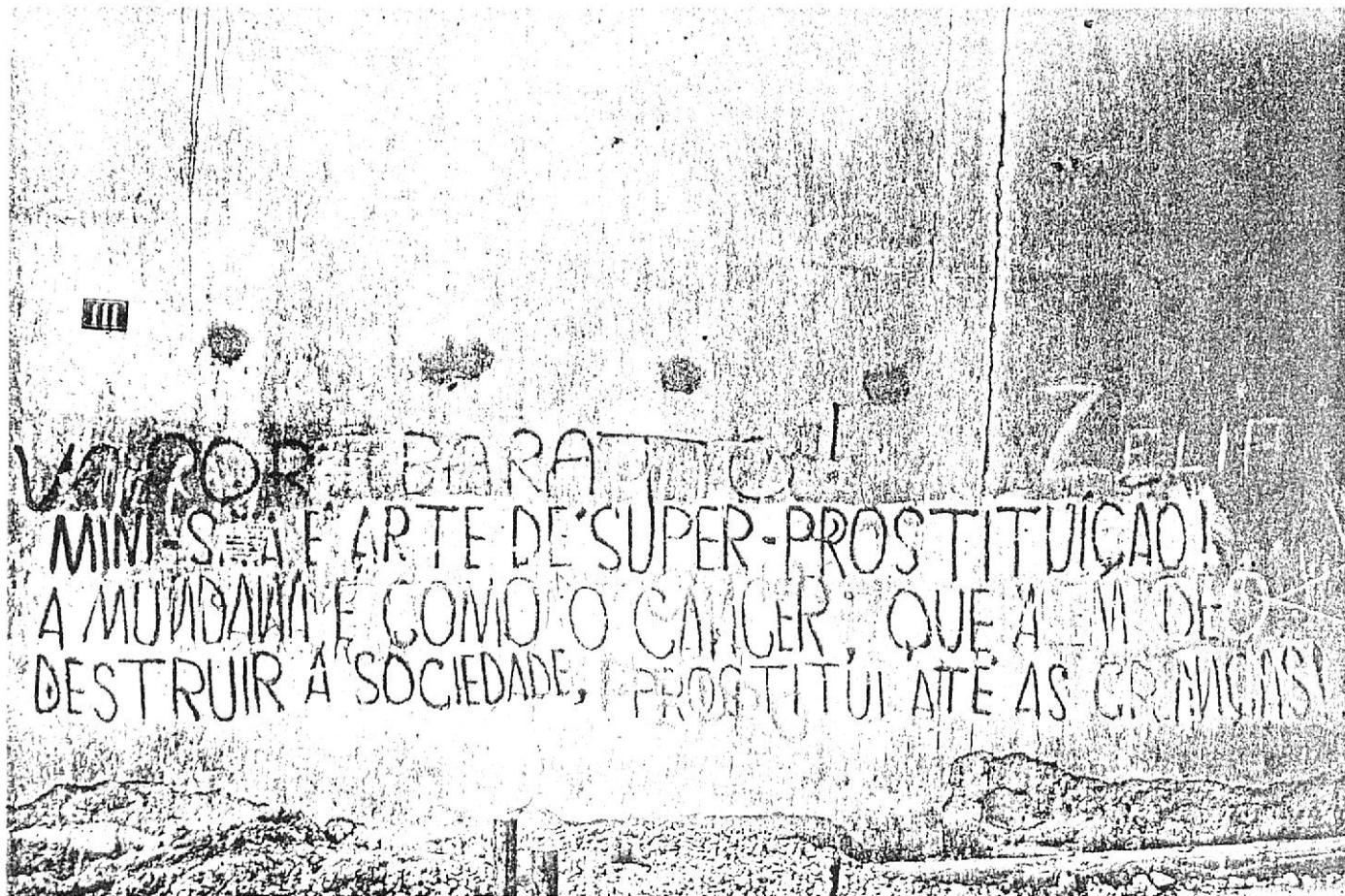
FRONTE AO PORTÃO

O MAU EXISTE

NA AGUA





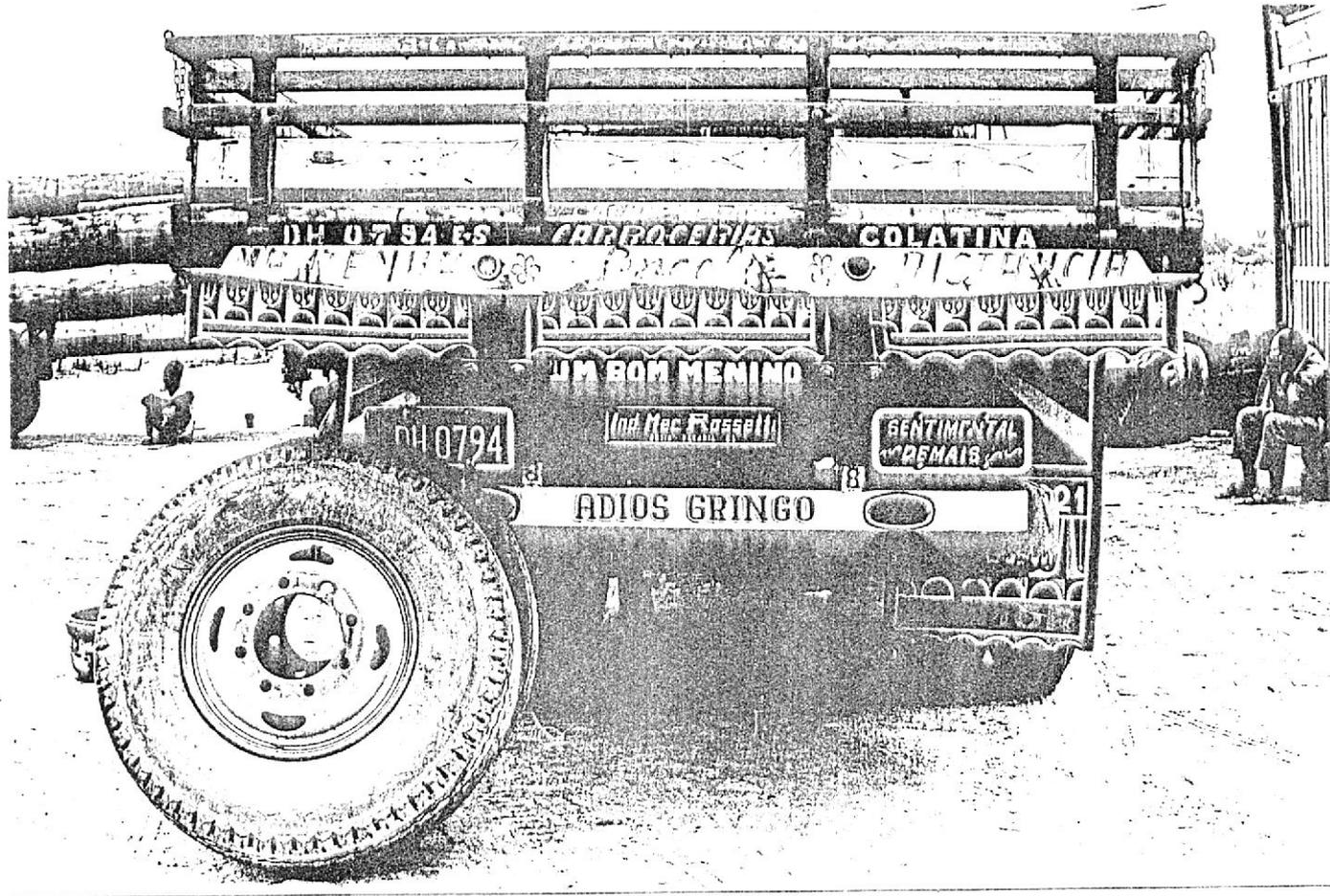


CONSIDERAÇÕES

A REPRESENTAÇÃO TÉCNICA E ESPECIFICAMENTE RESPONSÁVEL DE CLASSES PROFISSIONAIS É A ÚNICA SOLUÇÃO PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A SERTIFICAÇÃO DO TRABALHO. O CASO MAGALHÃO SEU GAELHO EM PAR. PAZ SOMENTE A TÉCNICA PROFISSIONAL E O CRIAR ORGANIZAR E DEBEMER AS RESPECTIVAS CLASSES DE CUIUS NACAO DEBEM CONSTITUIR O HARMONIZACIONES DO SEU ORGANISMO COMO ORGOSTANTE GRANDES DE UM CORPO VIVO COMO O A NAÇÃO ESTE O FUNDAMENTO «BASICO DA DEMOCRACIA CRISTA. A ATUAL REPRESENTAÇÃO DO VIVO DESSE ASSIGADO SEU BONO VALE TUDO BONO MISE-RIA E COMUNISMO.

MEDITAÇÃO

«MARIA COM A BOA PARTE E MARIA COM A MELHOR PARTE, HOSPEDANDO DIGNAMENTE O ÓTIMO QUE É CRISTO O SIMBOLO DA PERFEIÇÃO TAMBÉM É A DEMOCRACIA CRISTA, QUE VIRA PARA DEFENDEREM GENTE JUNTOS A VIDA MATERIAL E ESPIRITUAL DE NÓS SÓS MALOGRADOS. IRMÃO SEPARA-RAO FAZERMOS COMO O AVESTIBUZO DO DESERTO QUE, AO GORRER EUGENIUSO INIMIGO ENTERRA A CABEÇA NA AREIA E DEIXA O CORPO EXPOSTO À PRESÇA COM A DEMOCRACIA CRISTA SEMPREMS «MARIA EM MARTA» AO MESMO TEMPO, COMO GUARDA OS EVANGELICOS DE NOSSO IRMÃO, A EXEMPLO DO NOSSO MAIOR GUARDA IRMÃO, NÓS SÓS SENHOR JESUS CRISTO, PARA NÃO FICARMOS COMO AVESTIBUZO, NO MAIS TERRIBEL DOS DESERTOS. O DESERTO DA «AUSENCIA» EVANGÉLICA NA SOCIEDADE... «VOLTAR A MIM E EU ME VOLTAREI A VÓS», PROMESSA EVANGÉLICA DE CRISTO, PARA LIVRAR-NOS DE TODAS AS «FAIS» DESGRACAS... CASO O ADMITAMOS ENNOS SÓS «POBRE» (O ATUAL CONFLITO E «MARTA EM MARTA») VIDA...»



EDITADA POR

VOTANDO

CONGRESSO



NA
PROPOSIÇÃO AU
PALACIO TRADENITES 3 AMB

AMIS II

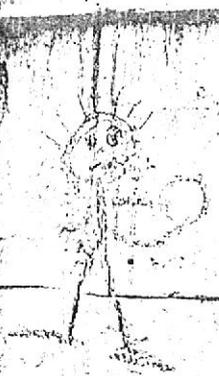
DARA
NO FENERAL

ANDRE

31

VOTE NO QUE VICEZ
NÃO FICA TUDO COM VOCÊ

SAMBISTA EM 74



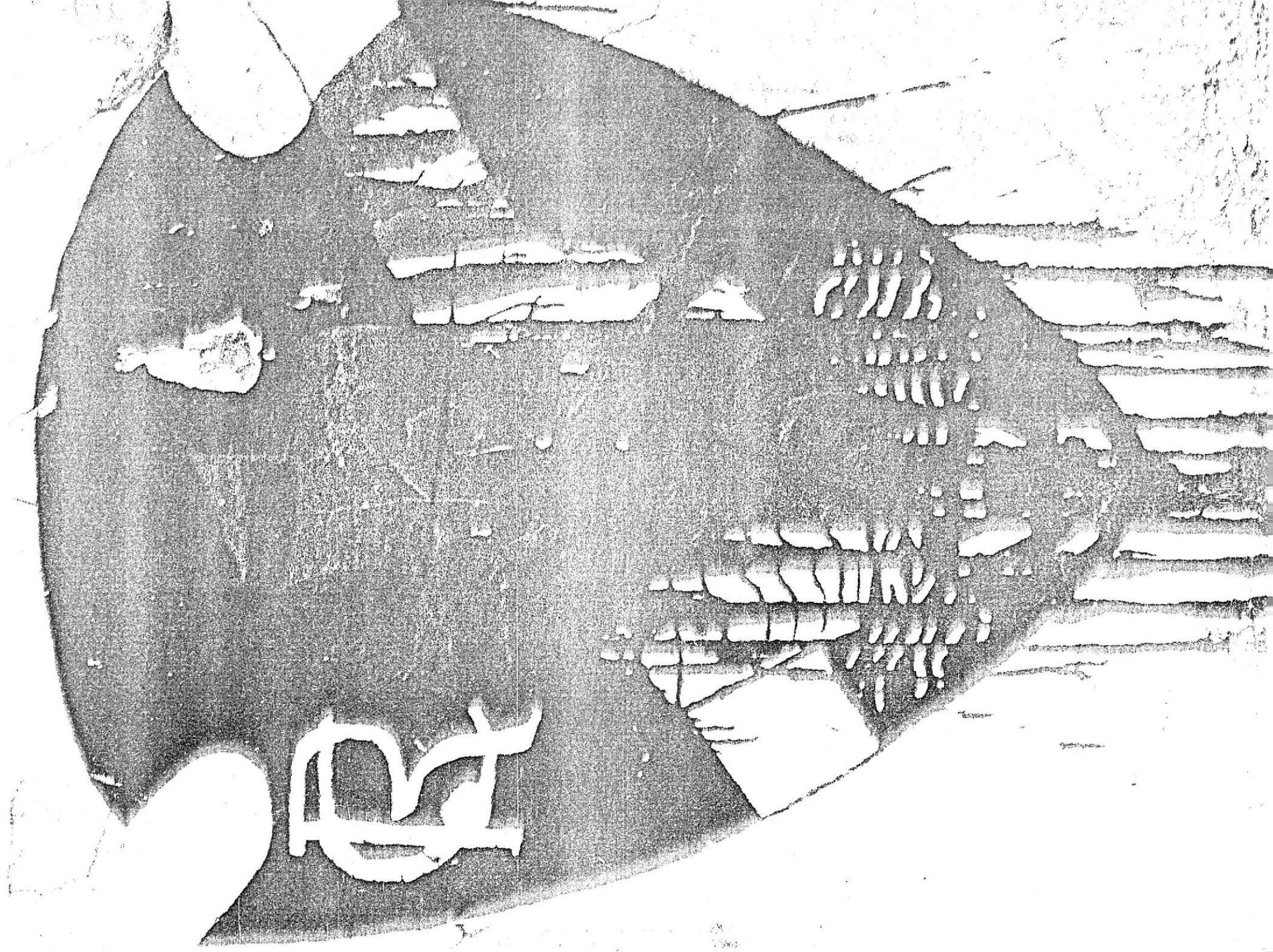
EDILSON

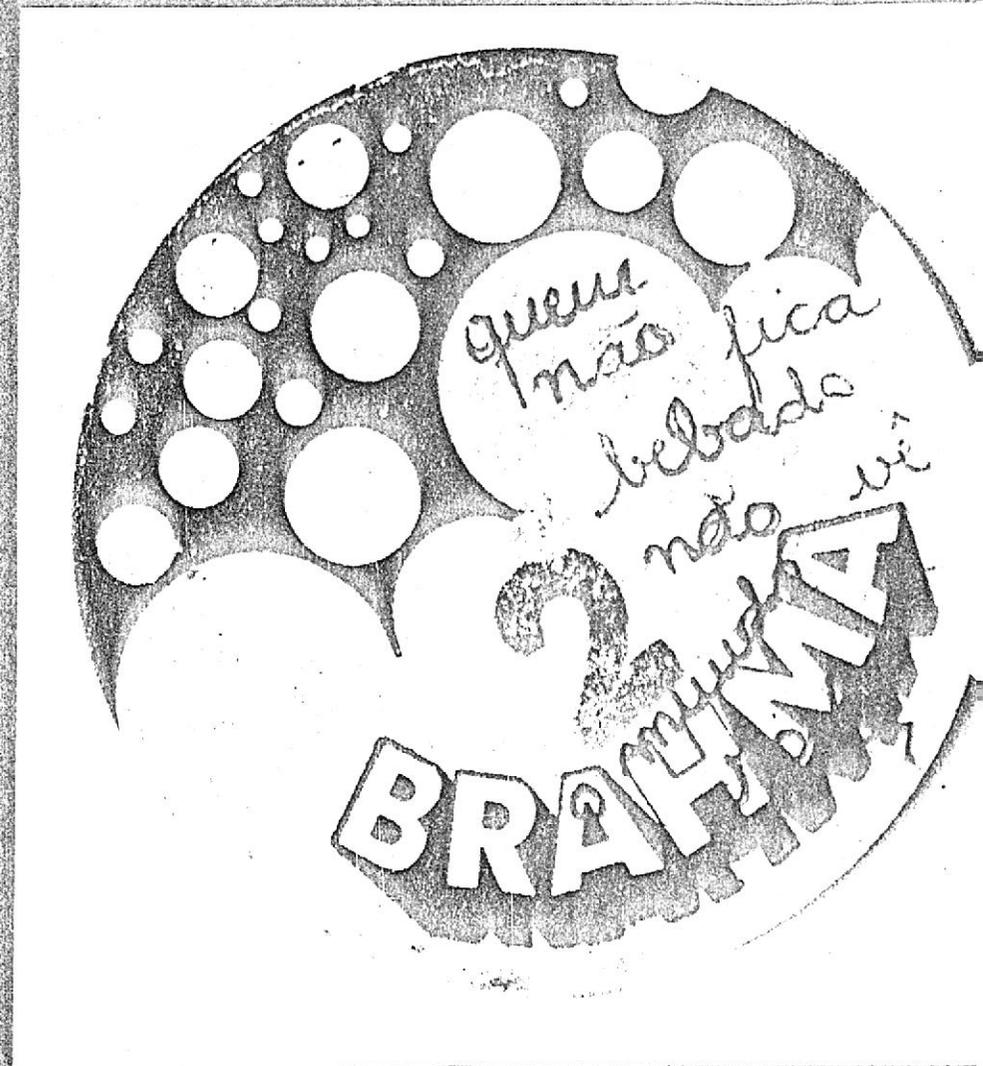
O

SAMBISTA

ADOLF HITLER

MEIN KAMPF





quem não fica
bebado não vê

BRAHMA

JANATO 210 de Boleto - 1100 13 20

TELEFONES DE SERVIÇO

Se este aparelho estiver com defeito, ligue para 221-0103
Se faltar ficha ou você quiser fazer qualquer
reclamação, disque 105-Ramal 444

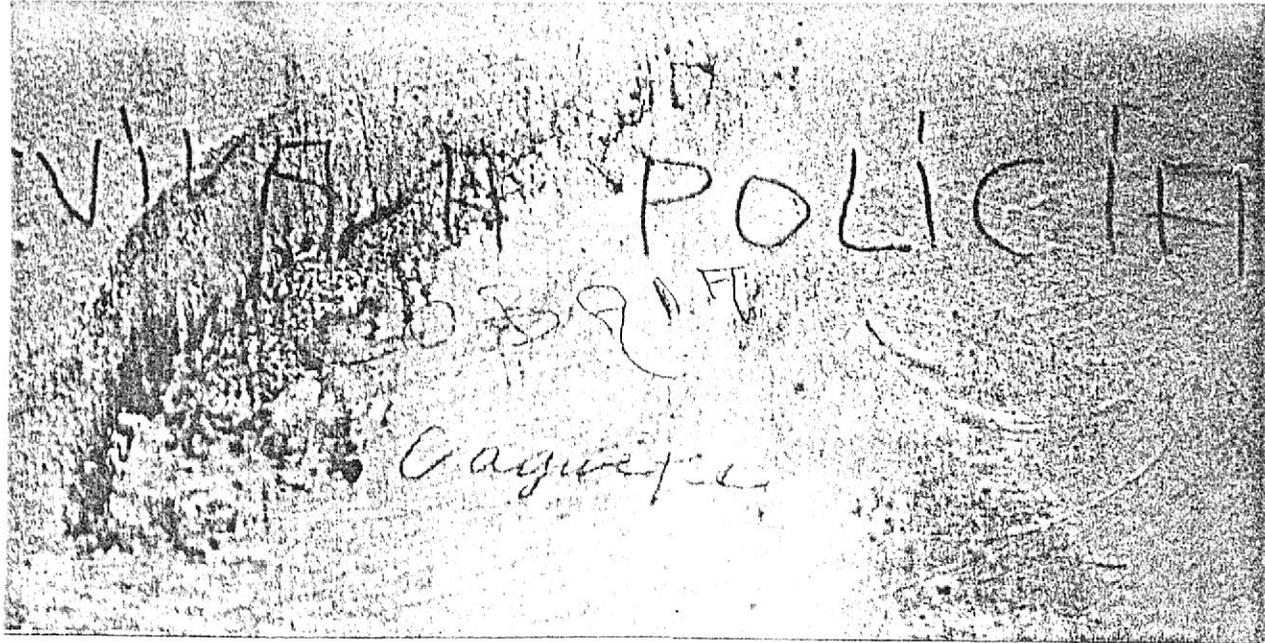
(Estas ligações são gratuitas. A ficha será devolvida após a ligação.)

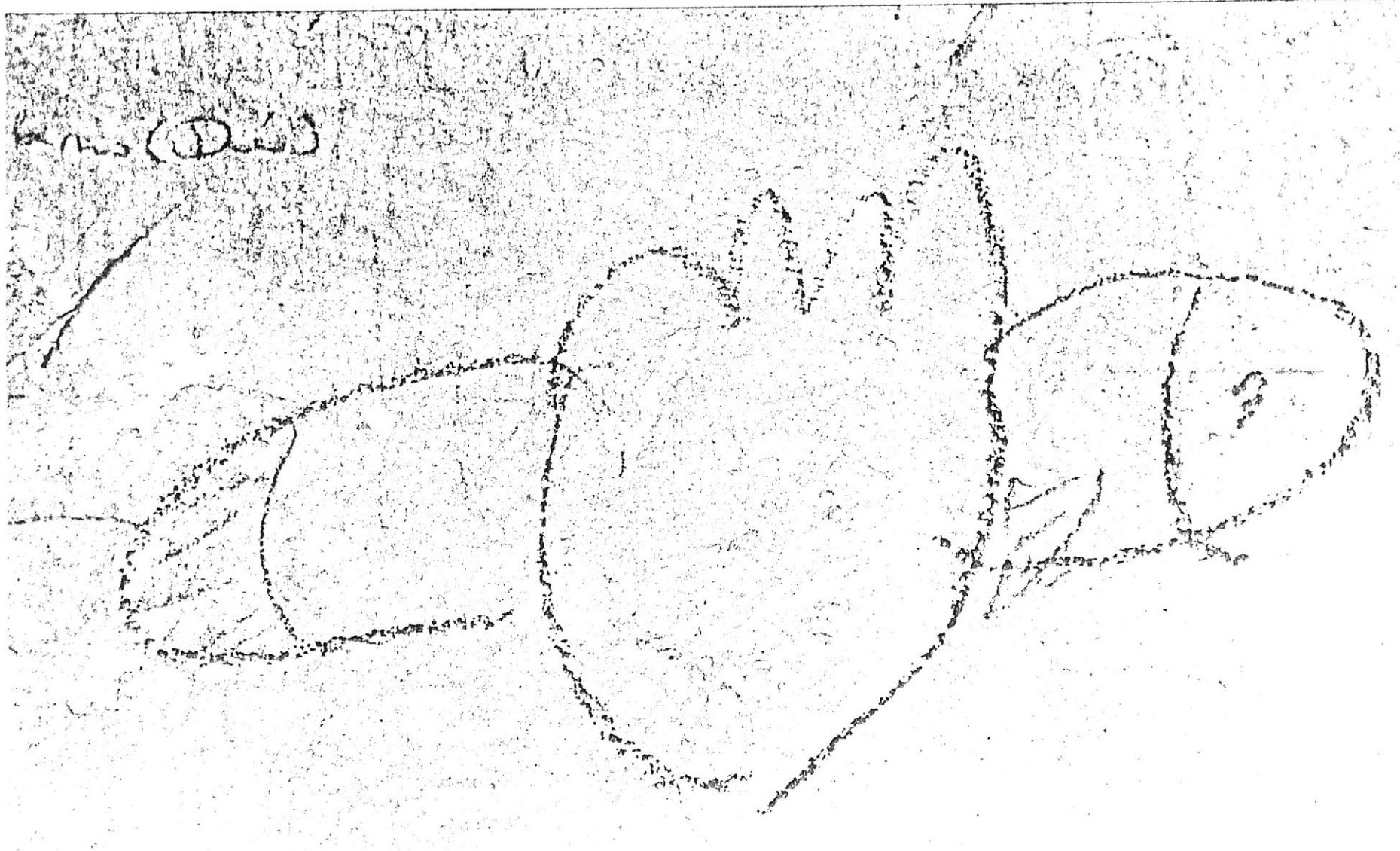
309949

TELEFONES DE EMERGÊNCIA

BOLETIM

Polícia - FURTO - FIM DO TERRO R RATOS
Corpo de Bombeiros - BUSCA DE PESSOAS - 232-1234
Pronto Socorro - 222-2121

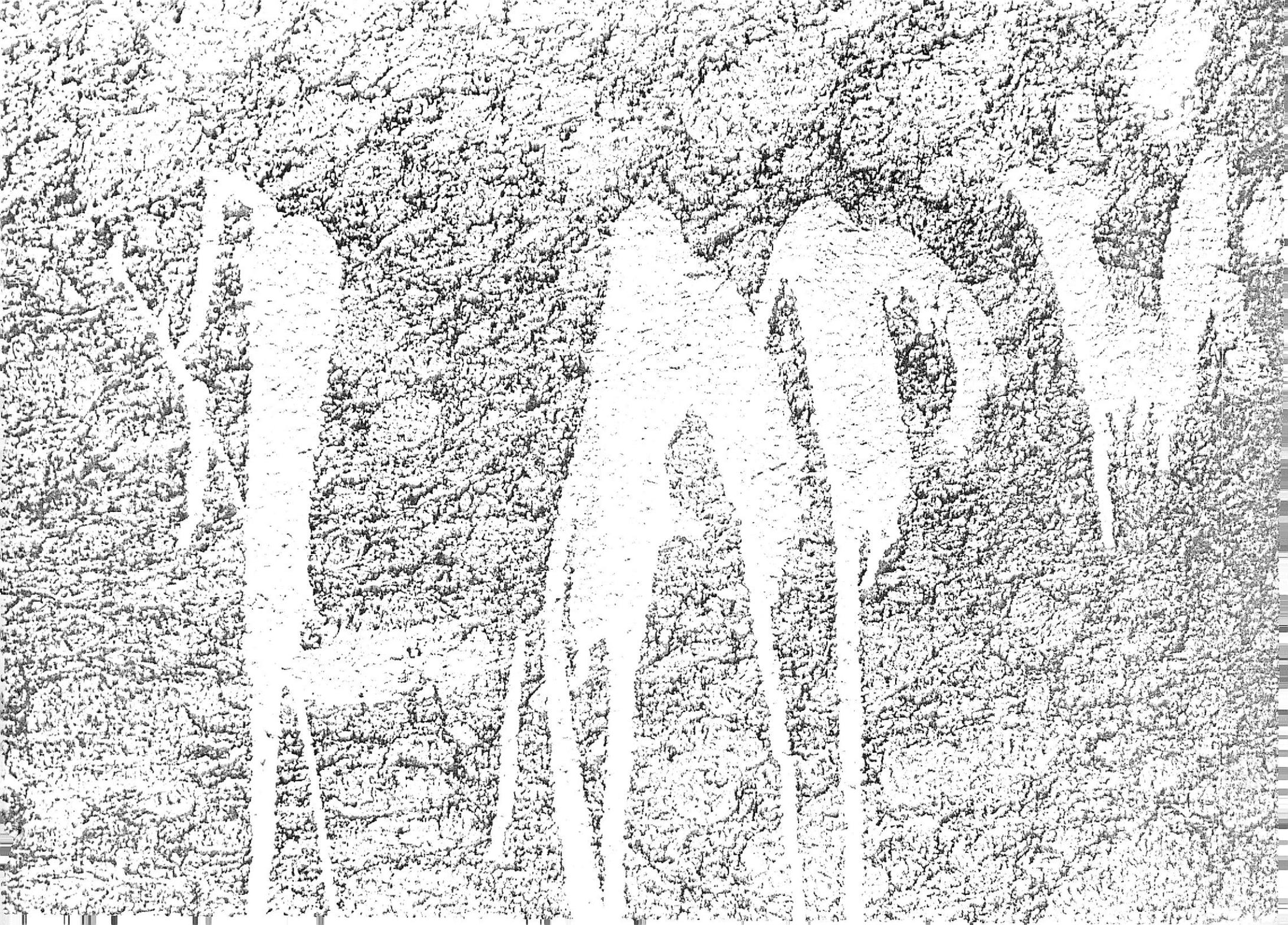


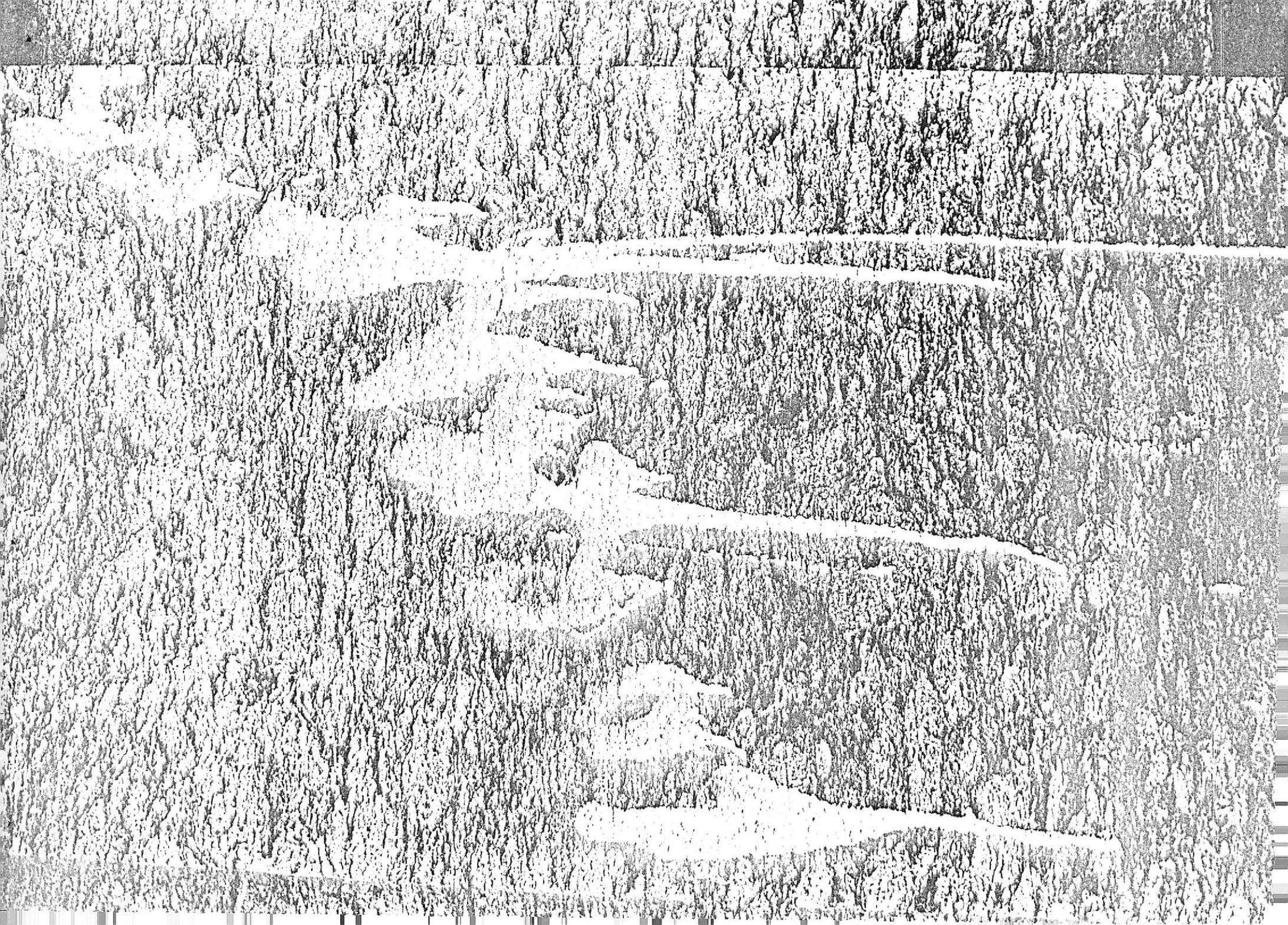












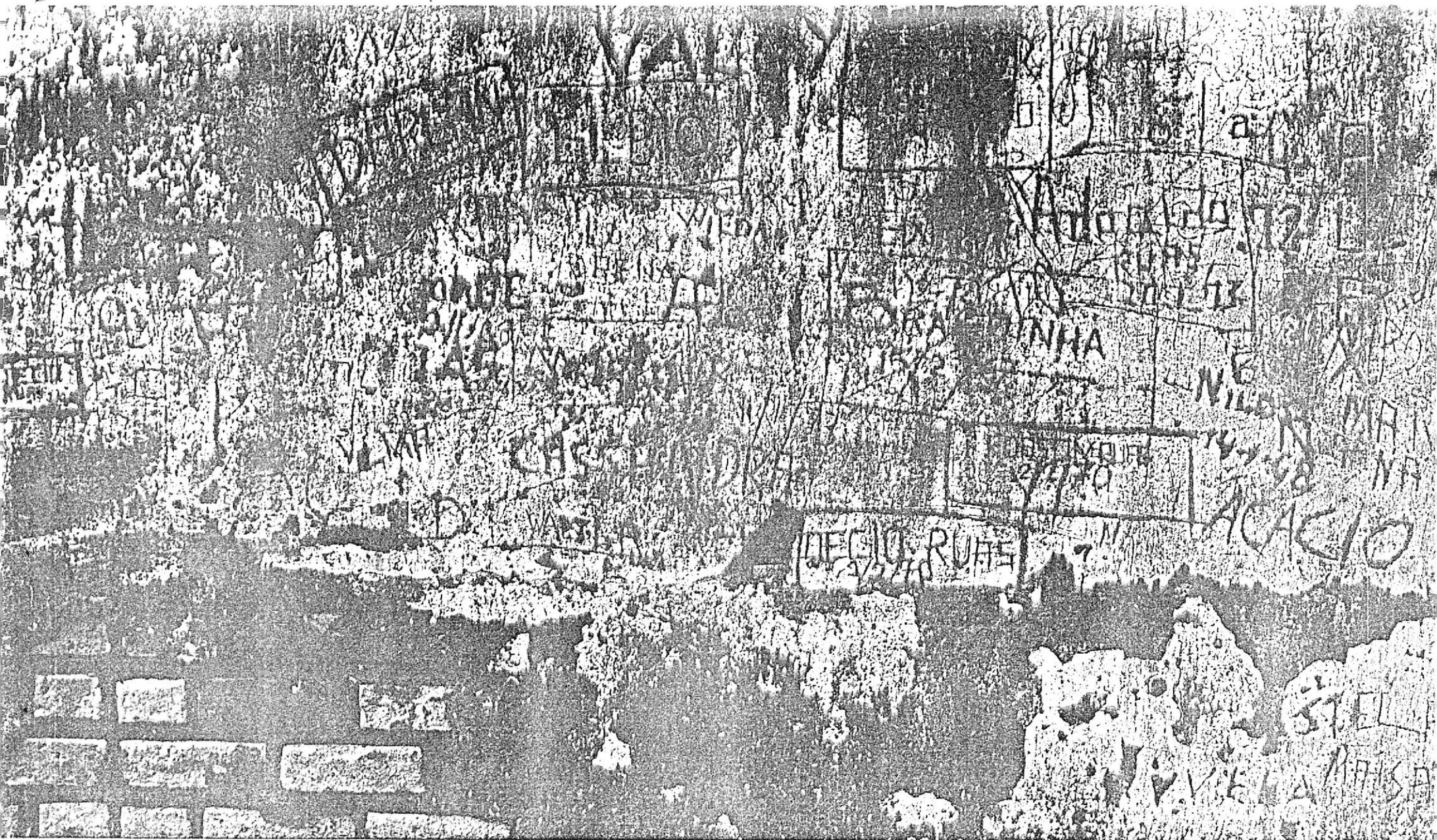
UQUENTUDE DE MERA

ABAIXO A DITADURA

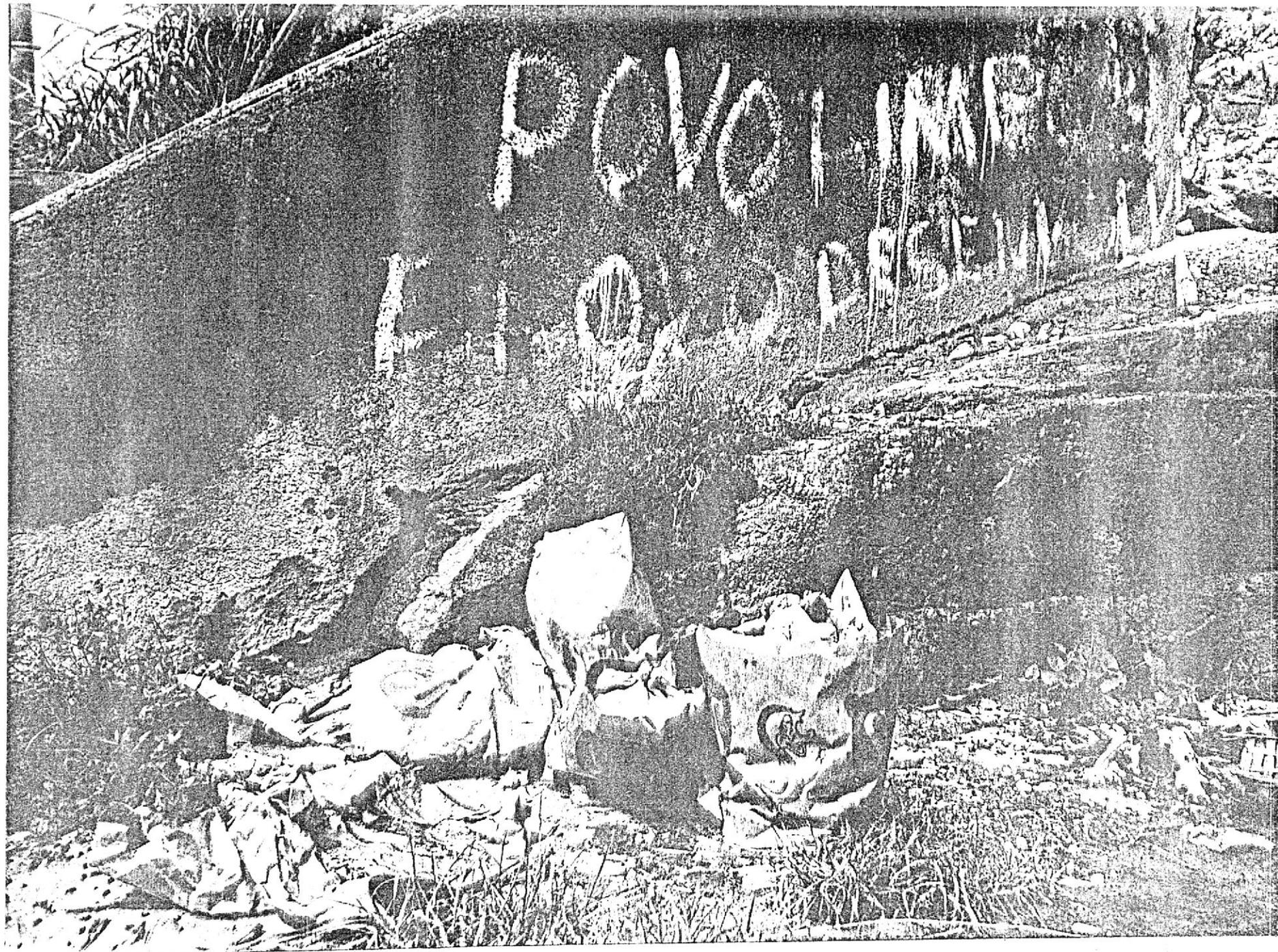
BARBARA CHINA

WATER





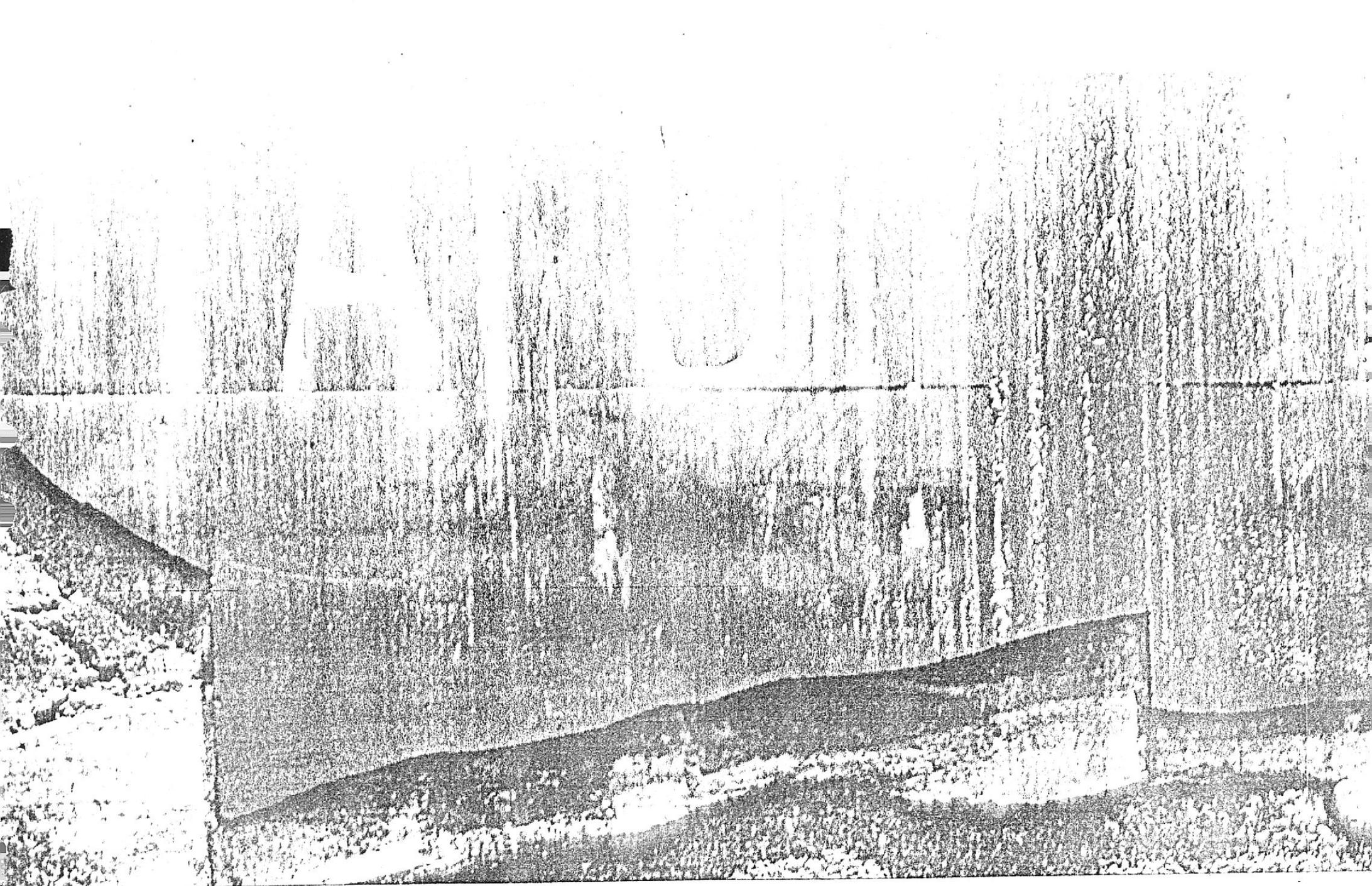


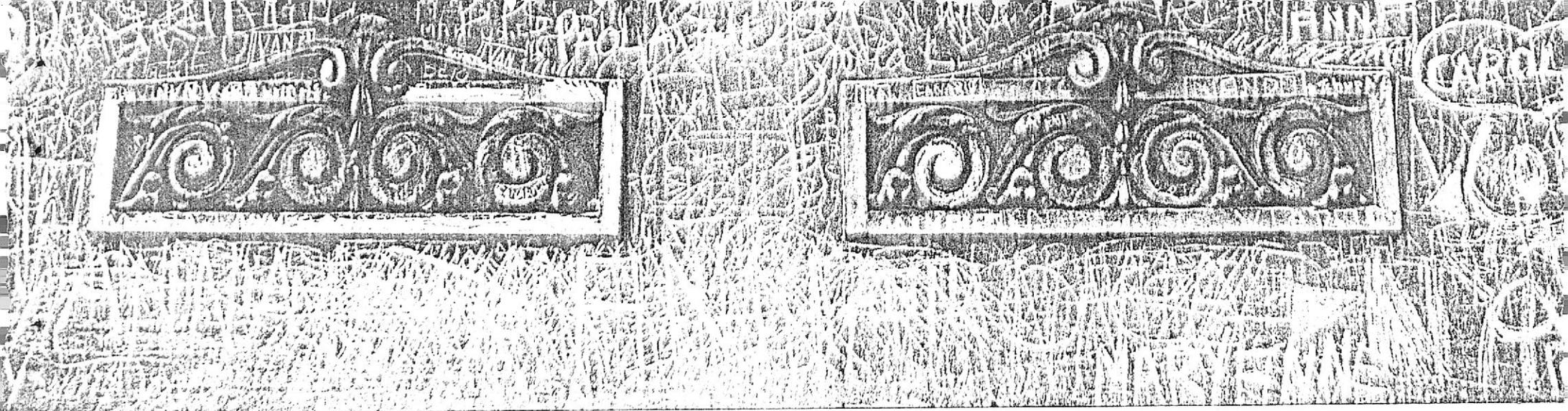


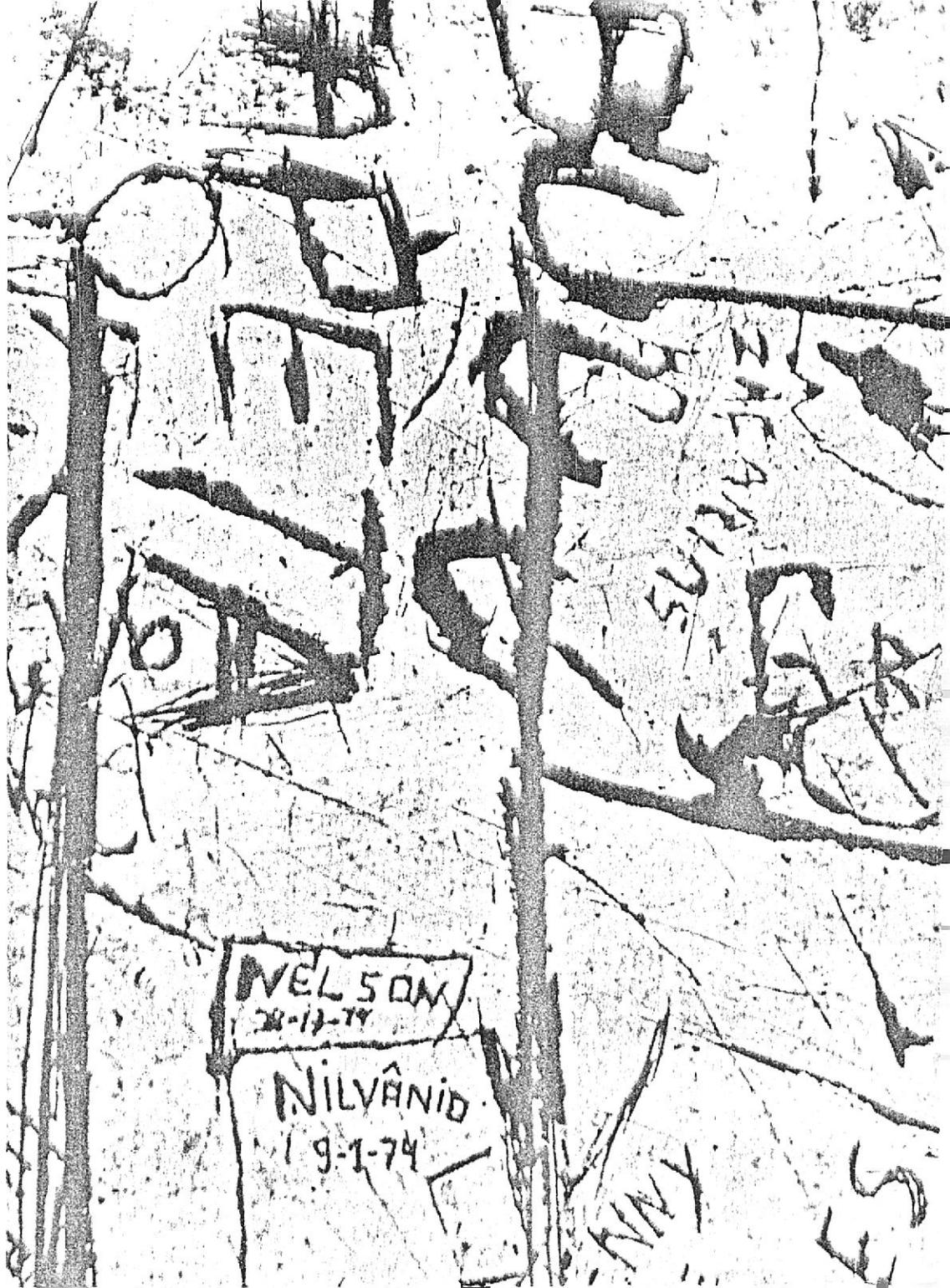
WINDY ROAD

Milano

WINDY ROAD

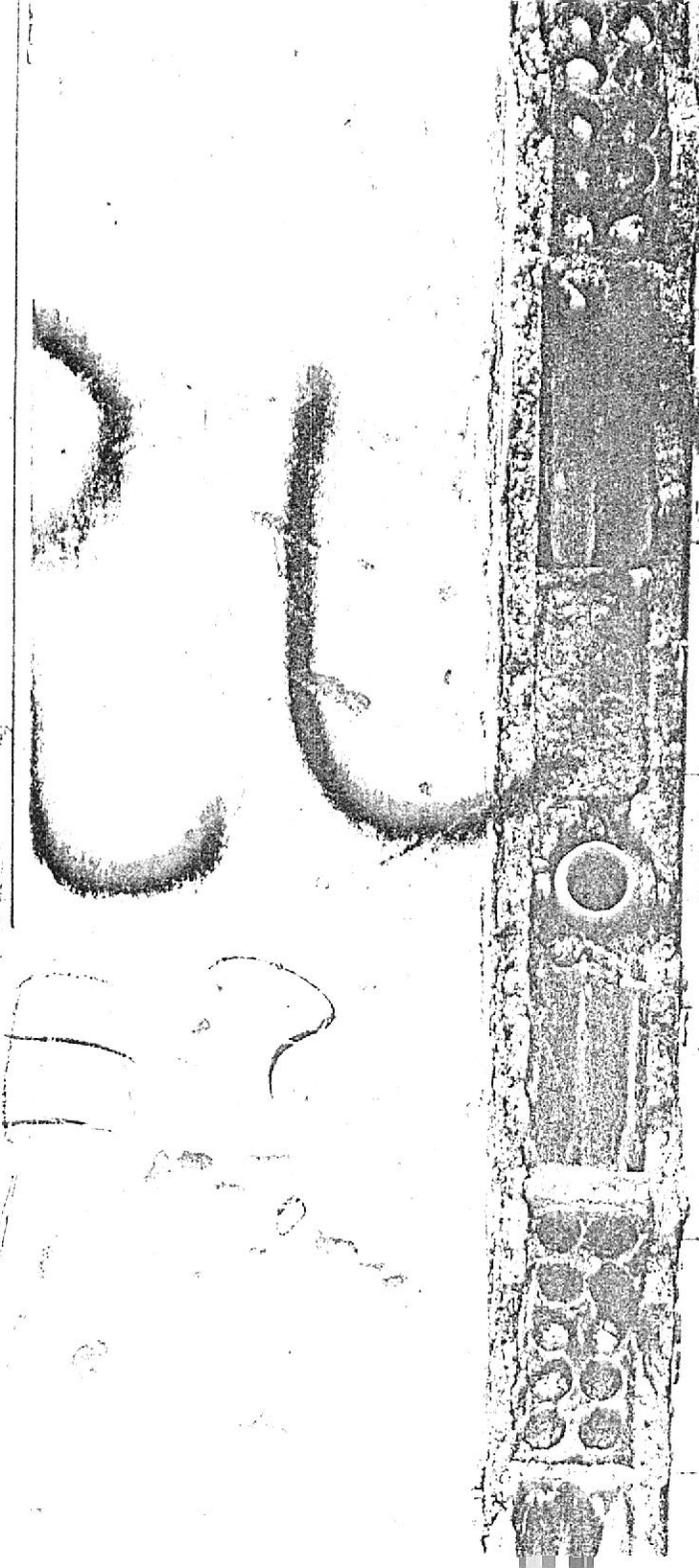
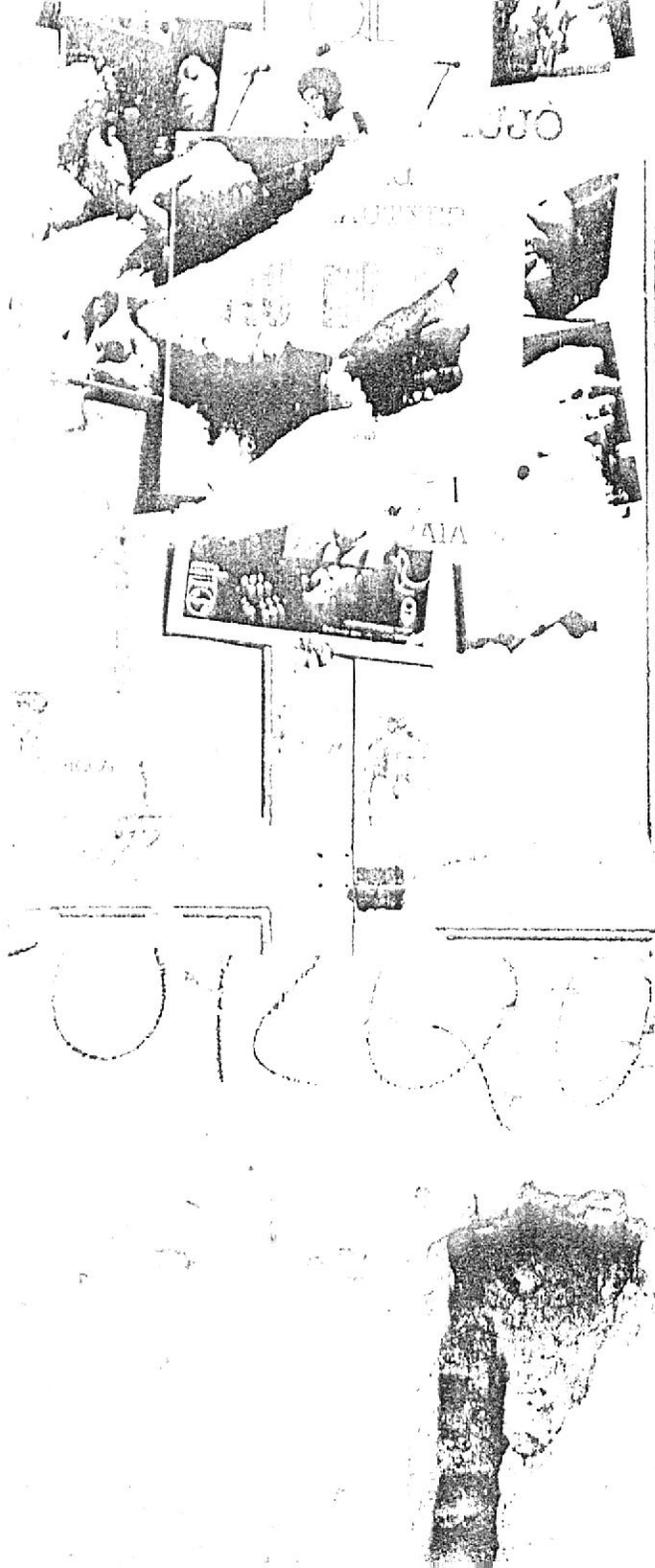


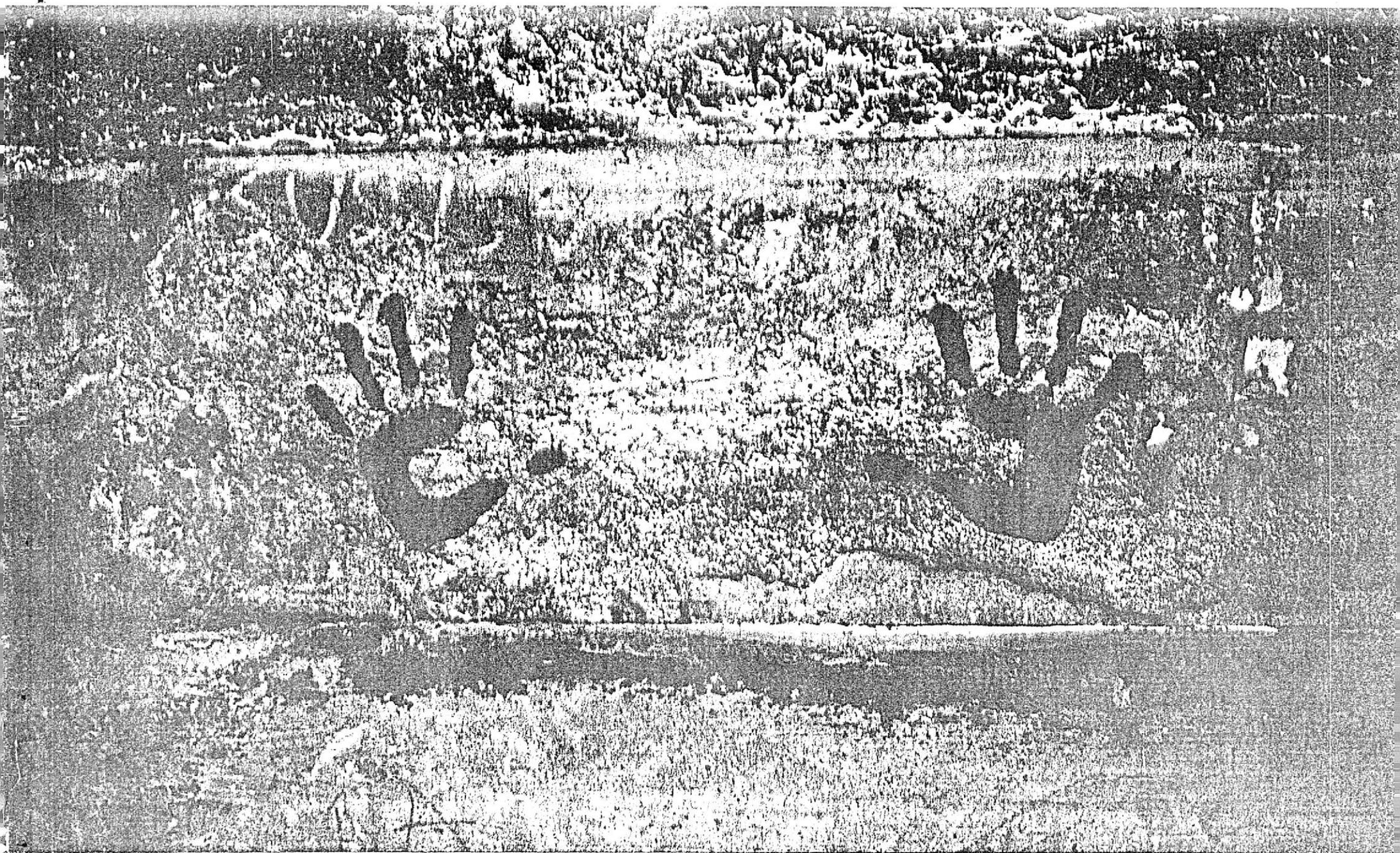




NELSON
28-12-74

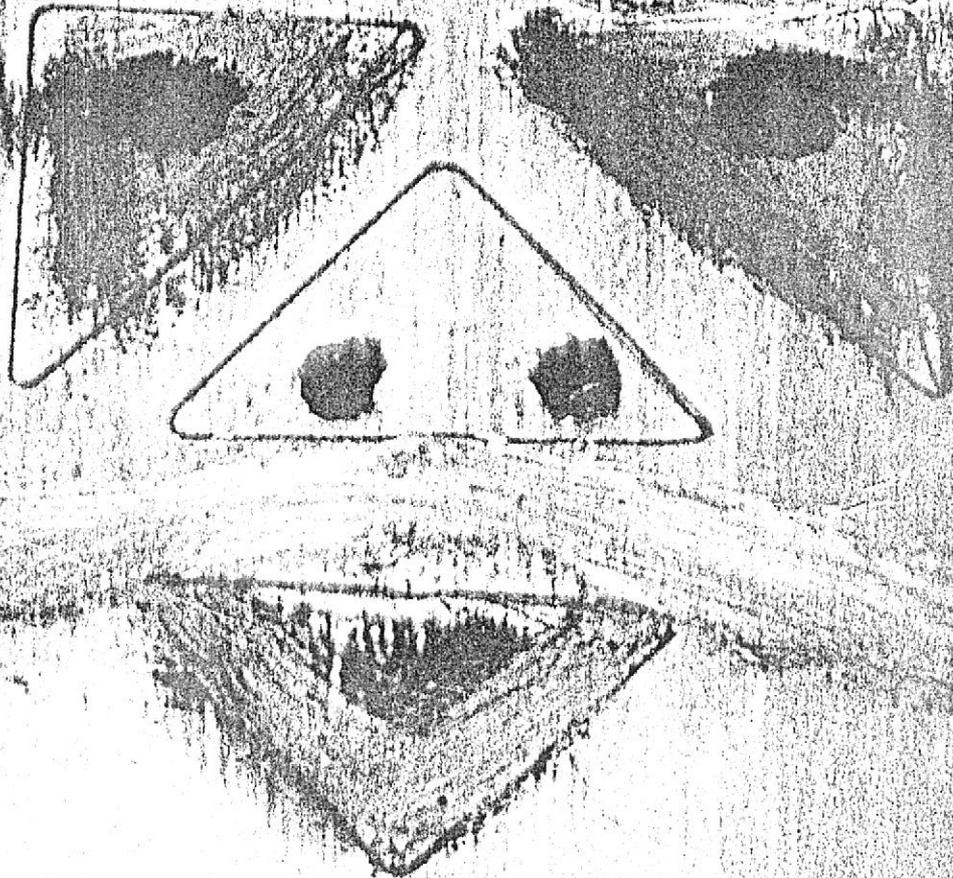
NILVÂNIO
19-1-74





PRAÇA ESPERANÇA, Nº 10 - A
PRAÇA DO PARQUE UNIÃO - BONSSUSSEÇO

BELAS
ZARTIS.

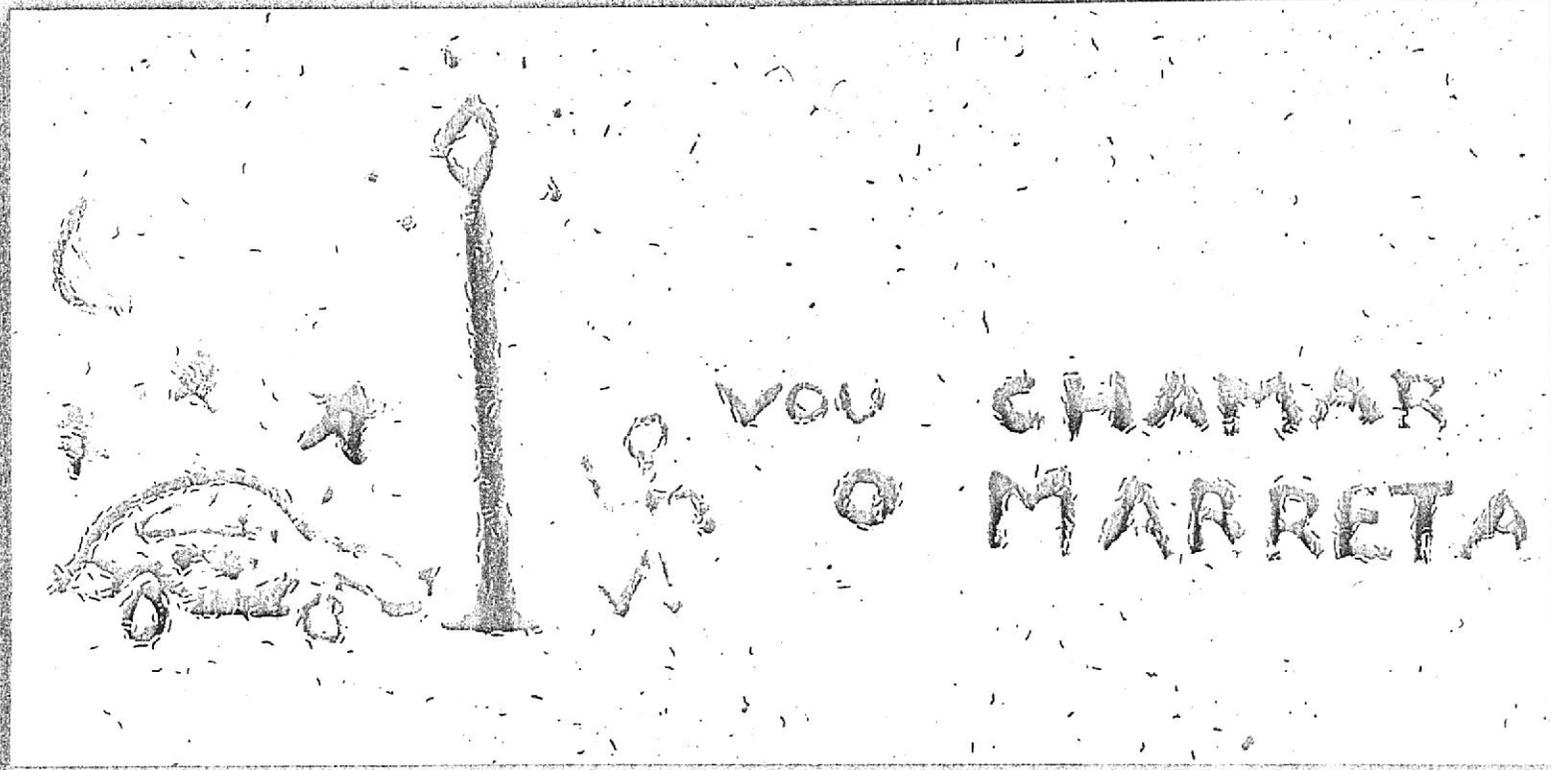


MANGALIM
PARA LINDA

BOB TAO

ACABANDO

COM OS POSTES

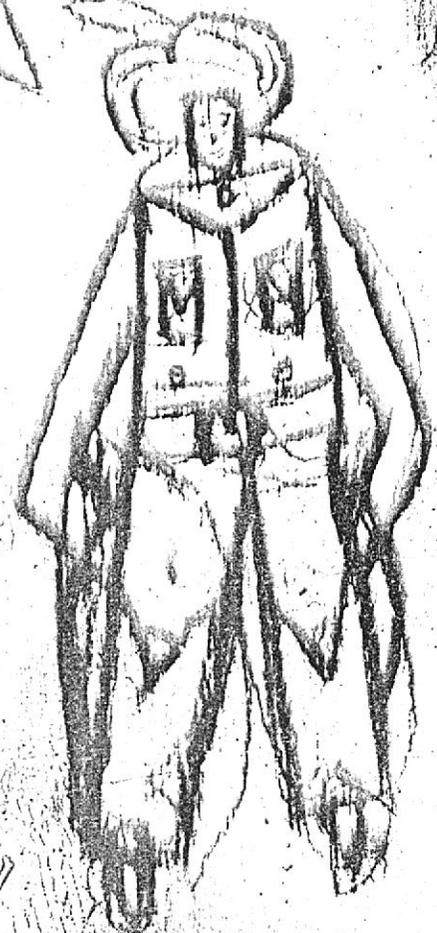


VOU

CHAMAR

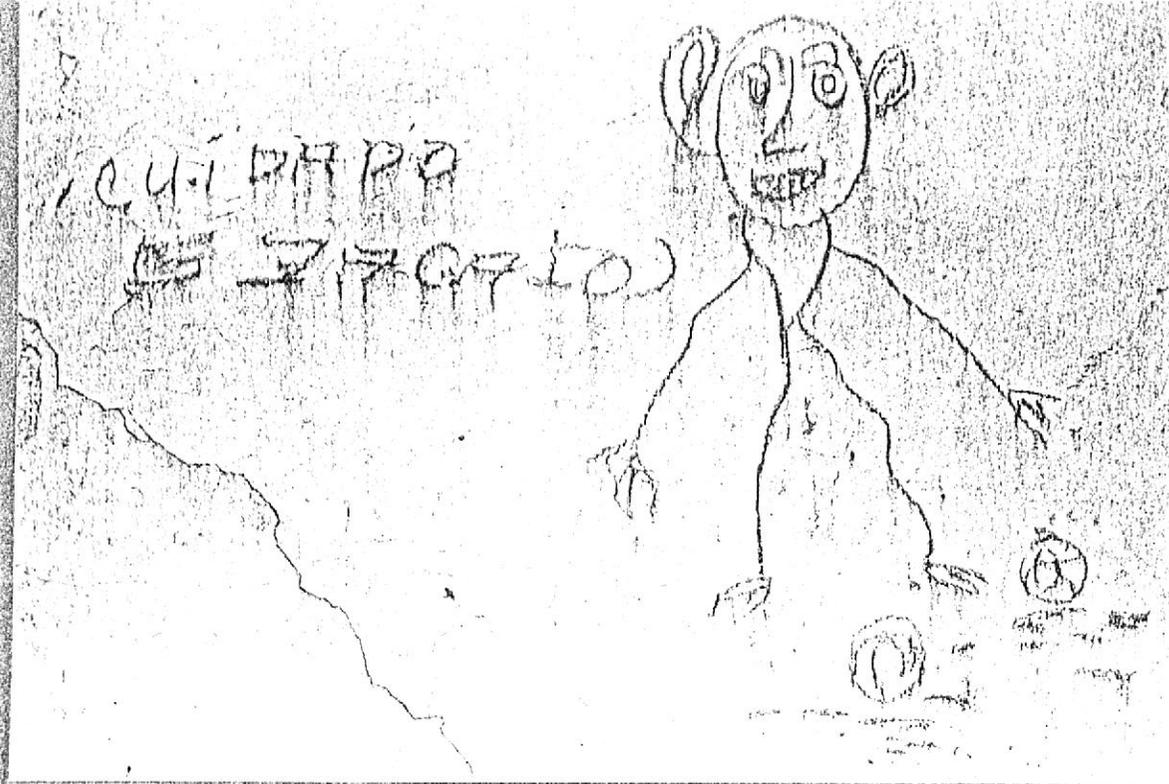
MARRETA

SEM
FAM
CIN



VACA - CAVALO
- BURRO - quem trabalha
na obra e era quem
trabalha

E. PROIBIDO
SENTAR NA
MESA FALAR
EM FIAO
E. PROCURAR
BRIGA



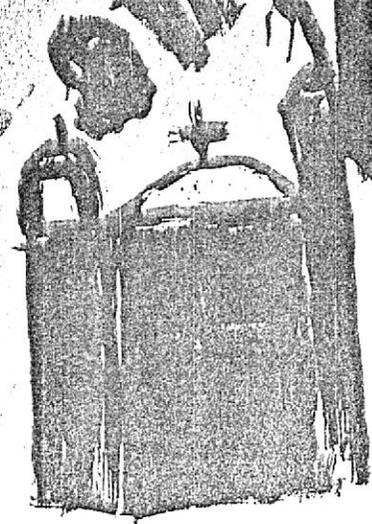


BIANCA
CUSTODIA

COSTA
PAVIA



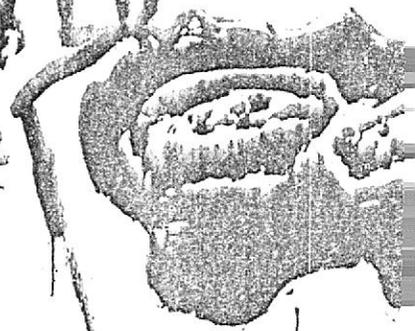
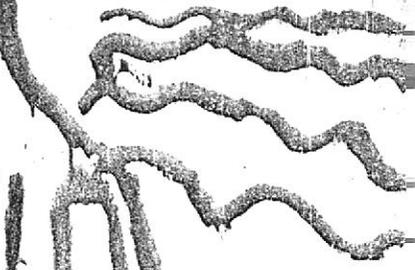
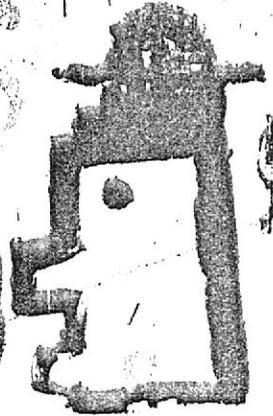
CLARA



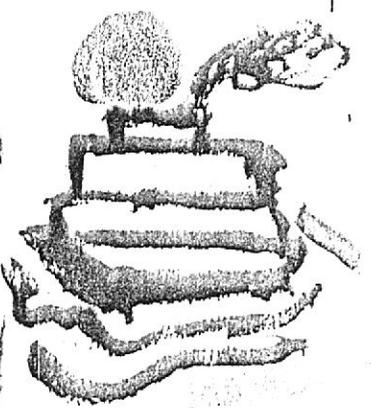
COSTA
PAVIA



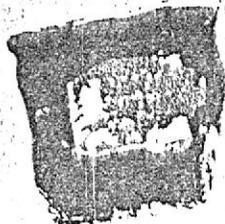
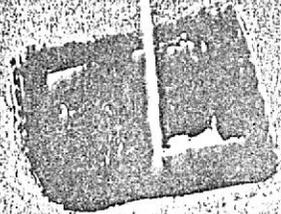
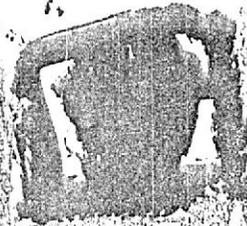
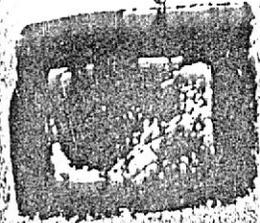
PAVIA

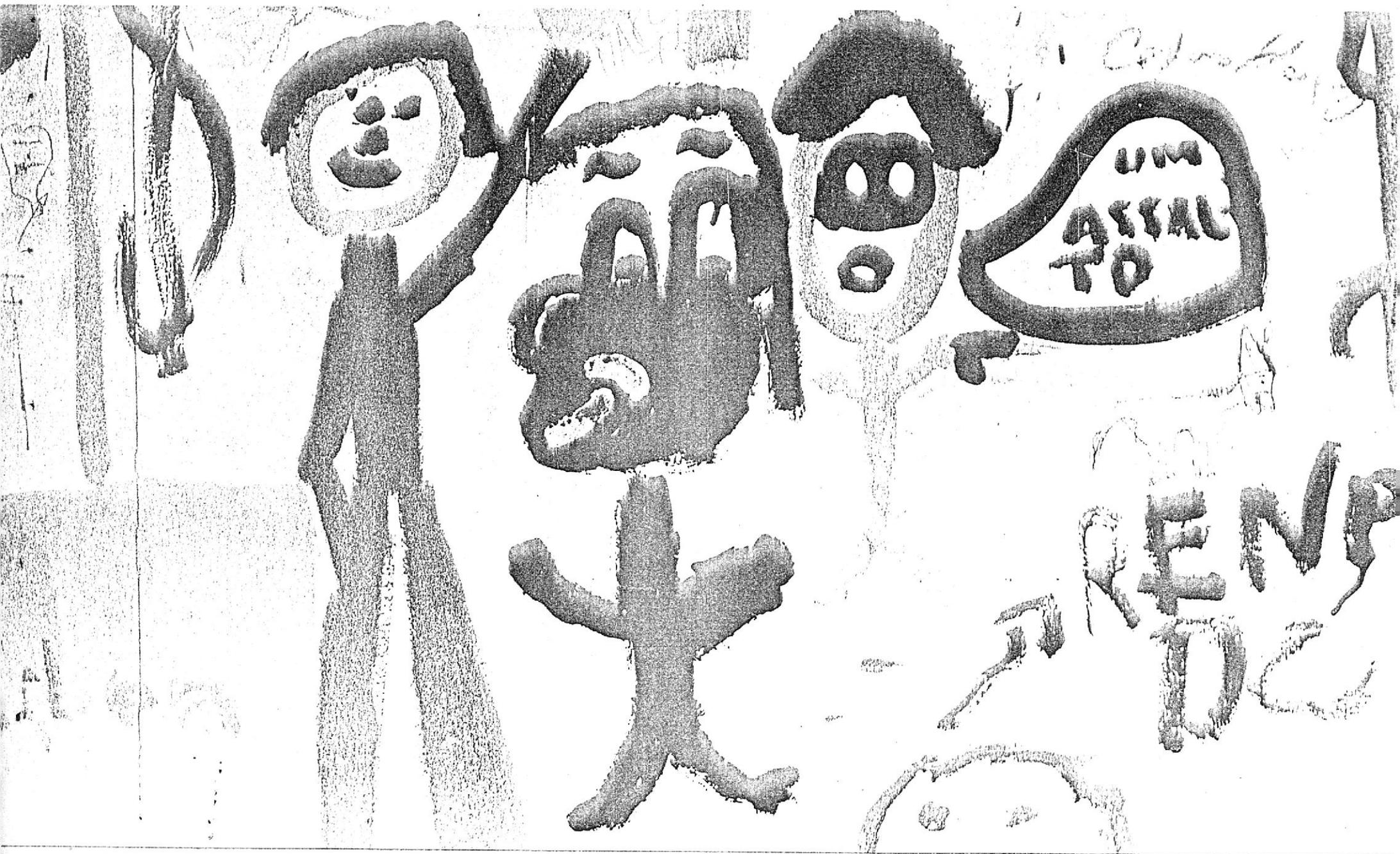


TRADIZIONE



Edificio REAL





UM
ASSAL
TO

A REVENIR

AMERICA
ANI

POC
A

